

VALÉRIA LIMA ANTUNES DOS SANTOS

**PAIS QUE RETORNAM A RESIDIR COM OS FILHOS NA
VELHICE. NOVAS OU VELHAS PARCERIAS?**

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
SÃO PAULO - 2005**

VALÉRIA LIMA ANTUNES DOS SANTOS

**PAIS QUE RETORNAM A RESIDIR COM OS FILHOS NA
VELHICE. NOVAS OU VELHAS PARCERIAS?**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Gerontologia, sob a orientação da Profa. Dra. Ruth Gelehrter da Costa Lopes.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
SÃO PAULO - 2005**

Banca Examinadora:

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

São Paulo, _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

A meu marido Paulo, meu amor e carinho pelo apoio e palavras de encorajamento. Com o qual construo nossas histórias de vida, respeitando nossas individualidades.

A meus filhos, Fernando e Bruno, que são para mim jóias preciosas, com quem compartilho minhas emoções.

Ao meu neto, Luis Fernando, que tem me ensinado a arte de ser avó, pela alegria de vê-lo crescer e me ensinar que ser avó é poder sentir o calor de um abraço apertado, é saber que sua vida se perpetua através do neto.

À minha nora Juliane, que me ajudou nos afazeres da casa e se mostrou paciente ao ouvir repetidas vezes a leitura dos capítulos da dissertação.

A meus irmãos, Angela, Elaine e Ely Junior,
que me apoiaram meu amor e carinho.

A meu pai Ely, pelo carinho e respeito e a
minha mãe Izilda, a saudade de uma mãe
que sempre demonstrou orgulho em
acompanhar meu crescimento pessoal;
embora não esteja mais entre nós, meu amor
e agradecimento pela vida.

Aos meus avós paternos, Absalão e Juliana,
presentes em minha memória gratidão por
terem me ensinado a arte de uma vida
simples, o respeito mútuo e o amor.

Enfim, à família que soube lidar com os
pequenos abandonos do cotidiano, durante o
período do mestrado.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar a oportunidade de seguir em frente com saúde e força para vencer todos os obstáculos que a vida impõe.

Este trabalho é fruto de um longo caminho, trilhado com muitas pessoas. Gostaria de expressar minha gratidão àqueles que me acompanharam:

À Prof^a Dra Ruth Gelehrter da Costa Lopes, pelo trabalho de orientação, atenção, encorajamento, paciência e pela amizade que construímos nesse período. Pelo seu amparo nos momentos de conflito e por confiar em minhas indagações, participando de meu desenvolvimento pessoal, pela oportunidade de refletir sobre os aspectos de minha dissertação.

Às professoras Dra Elizabeth F. Mercadante e Dra Camila Pedral Sampaio meu agradecimento pelas sugestões e observações feitas, por ocasião do Exame de Qualificação.

À Prof^a Dra Delia Catullo Goldfarb, por lançar os primeiros questionamentos sobre o tema e por incentivar a busca de conhecimento relacionado a esse segmento etário.

Ao CAPES que contribuiu financiando meu trabalho de pesquisa no Mestrado.

Meu agradecimento à Maria Helena Amaral Muniz de Carvalho, pela confiança e incentivo, revisão deste trabalho, por me indicar os caminhos e por acreditar, sempre, na possibilidade desta conquista.

À Prof^a Dra Suzana Aparecida Rocha de Medeiros, coordenadora do programa de estudos Pós-Graduados em Gerontologia, que sempre estimulou o aprofundamento de cada aluno, pela pessoa maravilhosa que é e pelo exemplo de força e vida.

À Manoela secretaria do programa de Gerontologia, que sempre esteve pronta a dar as informações necessárias e por ser paciente com os alunos.

Ao idoso participante desta pesquisa que tornou possível a realização deste trabalho, pela disposição em contribuir e por poder contar com sua experiência de vida.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, colaboraram na elaboração deste trabalho.

RESUMO

O aumento da longevidade no Brasil repercute em todas as camadas sociais; há uma crescente preocupação diante do envelhecer. As ciências médicas e a tecnologia vêm proporcionando ao ser que envelhece maior qualidade de vida. Mas, como viver estes anos a mais, com dignidade e ter os direitos garantidos? Em nossa sociedade, a família ainda é o elo entre o indivíduo e a comunidade na qual esse sujeito se insere. Portanto, é a mola mestra que lança o sujeito para a vida. Conseqüentemente, é responsável pelo ser que se forma. Há que se pensar a respeito dos cuidados que cabem a essa instituição, para com os seus membros mais velhos, quando esses vínculos afetivos permanecem fortes.

O trabalho aqui realizado procurou conhecer como o idoso percebe a instituição família na atualidade, como se relaciona com as diferentes gerações, quais são as dificuldades nesse convívio e como se organiza internamente diante das contradições.

Para tanto, a análise qualitativa permitiu, mediante o olhar desse sujeito velho, compreender como enfrenta esse novo período de transição e a maneira como dá continuidade aos projetos de vida que foram postergados. Foi possível identificar um crescente comprometimento desse segmento etário em tomar para si a conquista do que considera significativo. Mesmo residindo com a família, demonstra que preserva a autonomia e a responsabilidade por suas escolhas.

Palavras-chaves: Envelhecimento, família, co-residência, co-geração.

ABSTRACT

The increase in longevity in Brazil has repercussions on all the social layers; there has been a growing concern about aging. Medical sciences and technology have been offering a better quality of life to the aging being. However, how can one live these extra years with dignity, having their rights guaranteed? In our society, the family still is the link between the individual and the community in which this subject is inserted. Therefore, it is the main spring that launches the subject to life. Consequently, it is responsible for the being that is formed. It is necessary to think about the cares that are the responsibility of that institution towards its older members, when these affective bonds remain strong.

The present work aimed to investigate how the elderly person perceives the family institution nowadays, how he relates to the different generations, what difficulties he encounters in this relationship, and how he organizes himself internally before the contradictions.

To achieve this, the qualitative analysis allowed to understand, through the look of this old subject, how he faces this new transition period and the way in which he continues the life projects that had been postponed. It was possible to identify an increasing commitment of this age segment to taking into their own hands the success for achieving what they consider significant. Although living with the family, the elderly person demonstrates that he preserves the autonomy and responsibility for his choices.

Key-words: Aging, family, co-residence, co-generation.

SUMÁRIO

Introdução	10
I. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA	17
1. Envelhecimento.....	19
1.1 O Corpo	19
1.2 O Corpo envelhescente	25
1.3 Este não sou eu	31
1.4 Ainda é a cabeça que liberta o corpo	37
II. A FAMÍLIA NESSA ETAPA DA VIDA.....	43
2.1 A família contemporânea.....	45
2.2 Pais e filhos em transição.....	51
2.3 O idoso e a família.....	54
2.4 A questão contemporânea da co-geração	58
2.5 Avós e netos	61
2.6 Pais, filhos e netos co-residindo	65
III. ASPECTOS DA METODOLOGIA	69
1. Teoria	71
2. Procedimentos metodológicos da pesquisa	71
3. Análise de conteúdo	74
4. Análise e interpretação	74
IV. ANÁLISE DA ENTREVISTA	77
Considerações Finais	90
Referências Bibliográficas	95
Obras Consultadas	99
Anexos	101

INTRODUÇÃO

“Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em coisas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos.”

(Bosi, 1999: 80)

A velhice é um tema que sempre me chamou a atenção. Desde a minha infância, o contato com meus avós propiciou um olhar de carinho e ternura, pois neles eu encontrava conforto e afago, uma vez que estavam sempre prontos a aconselhar e a dispensar os cuidados necessários.

Meus avós paternos tinham a casa próxima à de meus pais e o quintal era comum às duas famílias, de maneira que várias gerações compartilharam o mesmo espaço físico.

A relação entre meus avós e meus pais era tranqüila, permeada de cuidados e respeito: ora eram meus avós que solicitavam ajuda a meus pais, ora eram meus pais que precisavam ser ajudados por eles, portanto, a relação de troca era sempre presente.

Não me lembro de vê-los como se fossem um “peso” para meus pais. Embora meu avô tivesse somente o salário referente à aposentadoria, minha avó sempre o ajudou financeiramente, trabalhando como costureira, portanto, a quantia que recebiam, era suficiente para suprir as necessidades da casa.

Tenho boas lembranças das noites em família, pois a casa de meus avós se tornava ponto de encontro de netos, filhos e amigos que gostavam de uma boa prosa. Particularmente, eu e minhas irmãs ficávamos fascinadas com as histórias de assombração.

Esse convívio possibilitou estar em contato com pessoas mais velhas, amigos dos meus avós que freqüentavam nossa casa.

Ficava intrigada com o modo como encaravam o envelhecimento, apenas se referindo às perdas que iam se instalando, dando a entender que a velhice não acrescentava à vida nenhum aspecto positivo.

Minha avó, ao contrário, sempre foi uma mulher criativa que conseguia fazer da rotina algo inovador, não se abatia diante das dificuldades, sempre encontrava força e ânimo para si e para os que a cercavam.

Os anos se passaram e uma das frases que minha avó paterna costumava dizer, habita ainda hoje meu imaginário: - *A vida é bela, minha neta, para quem sabe viver.*

Essa é a imagem que preservo, de uma velhice digna e respeitada, de avós que nos ensinaram que essa é mais uma etapa, cuja diferença reside no fato de que os projetos devem ser feitos em curto prazo.

Aos poucos, fui me distanciando dos idosos, pois eles foram deixando de freqüentar nossa casa, uma vez que o elo era mantido por meus avós, já falecidos.

O período de luto foi sofrido, pois era triste saber que não tínhamos mais junto de nós pessoas tão queridas.

Os anos se passaram e, adulta, cursando a Faculdade de Psicologia, escolhi a área educacional. O fato de ter feito anteriormente o magistério e ter filhos pequenos me despertou o interesse em conhecer o porquê de algumas crianças terem dificuldades de aprendizagem, e até que ponto elas se relacionavam a conflitos familiares.

Assim, no período da graduação meu foco principal se direcionou ao desenvolvimento da criança. Ao concluí-la, porém, optei pela área clínica e iniciei atendimento no consultório com crianças que apresentavam queixas quanto à aprendizagem.

Em 1998, iniciei um curso de especialização no Sedes Sapientiae - Clínica Psicanalítica do Envelhecimento. Nessa época, estava atendendo dois idosos: um senhor de 62 anos e uma senhora de 60 anos.

O senhor que ficou pouco tempo em atendimento, costumava dizer: - *Eu nasci assim e não pretendo mudar só para agradar meus filhos.*

Já a senhora havia iniciado o atendimento por indicação médica e, após alguns meses de terapia, ela relatou: - *Descobri que posso fazer coisas que eu havia deixado para trás, não tenho mais filhos pequenos e marido para cuidar, agora preciso cuidar de mim e realizar os sonhos que ficaram esquecidos.*

A partir daí, mostrou-se otimista e confiante, recuperou sua auto-estima e resolveu mudar sua atitude em relação à vida.

Isso me levou a pensar por que duas pessoas da mesma faixa etária agiam de maneira diferente diante da vida. Comecei a observar que as diferenças se expressavam no modo de ser e de agir das pessoas, independente da idade que tinham.

No ano de 2002, fui convidada a fazer uma palestra para idosos de uma comunidade religiosa; o grupo contava aproximadamente com 40 participantes, e o tema solicitado foi: Depressão.

Após a palestra, houve um debate no qual os idosos expuseram suas dúvidas e angústias em relação ao assunto.

Posteriormente a essa palestra, solicitaram a minha presença uma vez por semana, nessa mesma comunidade religiosa, com a proposta de discutir outros temas que seriam sugeridos pelo grupo.

Aceitei o desafio e iniciamos com a primeira sugestão: a família e o idoso. No decorrer dos encontros, verifiquei que, recorrentemente estavam em pauta questões relacionadas ao convívio familiar: queixas com relação aos netos, falta de tempo dos filhos e ausência de algo útil para fazer.

Porém, havia também idosos que relatavam não ter do que se queixar e que, se pudessem voltar no tempo, fariam tudo igual. Acreditavam ter educado os filhos de tal sorte que agora recebiam a retribuição do carinho doado.

Os depoimentos relativos à sensação de abandono fizeram com que, novamente, me inquietasse, pois a lembrança que guardara de meus avós era de pessoas que mantinham uma postura otimista, contrariamente aos velhos que freqüentavam a sua casa e a alguns outros, com quem passei a trabalhar.

Procurando interlocutores para as questões que surgiram ao longo da minha prática profissional e familiar é que cheguei à pós-graduação em Gerontologia.

O meu objetivo era ampliar o conhecimento sobre o idoso e a família, mais especificamente, o olhar do idoso para essa família.

Hoje as famílias têm que se adequar às novas exigências que a sociedade moderna impõe, a co-residência – os idosos participarem de um novo arranjo familiar, com filhos, netos ou até parentes não tão próximos e amigos que pode ser uma estratégia utilizada para beneficiar tanto as gerações mais novas como as mais velhas (IPEA, 2003).

Neste estudo, busco conhecer o que leva os idosos a novamente co-residirem com um dos filhos, e o que esperam desta relação. Abordarei aqueles que possuem condição financeira para manter-se e gozam de saúde física, psíquica e emocional.

O que procuram nesta etapa da vida? Qual é a mola propulsora que os levou a esta tomada de decisão? O que norteia esses idosos? Como convivem e quais as motivações que os levaram a abrir mão da possibilidade de privacidade e autonomia?

Este estudo tem como objetivo averiguar a subjetividade desse idoso neste co-residir. Início com a Contextualização do tema, dividido em três etapas, a saber:

A primeira, “Envelhecimento”, consistirá em refletir sobre “O corpo” e o ser que envelhece: como é visto e quais as implicações nesse reconhecer-se como sujeito velho, mediante o olhar do outro, e, conseqüentemente, como a cobrança pela eterna juventude repercute.

Apresenta também, a interlocução entre autores e destaca que “Ainda é a cabeça quem liberta o corpo”, partindo do princípio de que o homem pode fechar-se diante de suas limitações, ou abrir-se para novas possibilidades.

Sendo este momento de transição, o segundo capítulo consiste em conhecer “A família nessa etapa da vida” procurando apresentar como alguns autores vêm percebendo as mudanças na família e os novos arranjos que surgem nessa instituição, na atualidade.

Posteriormente, aborda questões referentes à co-residência e ao convívio com as diferentes gerações.

A seguir, a escolha pela metodologia que norteou essa pesquisa. A pessoa “chave” nesse estudo é um idoso, que revela como percebe essa parceria e o convívio familiar e, ao nos mostrar o singular e particular, permitirá refletirmos sobre o universal nessa relação.

Por fim, este estudo apresenta as considerações da pesquisadora sobre o tema e a importância da continuidade das reflexões sobre os impasses que envolvem a velhice.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

“ A realidade do outro não está naquilo que ele revela a você, mas naquilo que ele não pode lhe revelar.

Portanto, se você quiser compreendê-lo, escute não o que ele diz, mas o que ele não diz.”

(Gibran in Feldman e Miranda, 2001: 196)

Neste capítulo, abordo as questões que caracterizam a cena do envelhecimento atual. Início versando sobre o impacto do envelhecimento dos corpos sobre o psíquico, atentando para as pressões sociais. A seguir, exponho a complexidade do sujeito que envelhece. Finalizo tratando das mudanças estruturais pelas quais a família vem passando e os possíveis novos arranjos familiares.

1. ENVELHECIMENTO

1.1. O corpo

O século XXI é o século das transformações e das mudanças tecnológicas, o que exige que tudo deva ser rápido e imediato.

O relógio marca o tempo cronológico que se esgota e nos faz viver com rapidez o presente.

Nossa alimentação tornou-se “fast food”. O corre-corre e a violência não nos permitem mais a conversa nas praças, nas ruas, nos portões das casas, lugares que faziam parte da vida de nossos avós.

Tudo é veloz e quem não acompanha este ritmo fica, ou se sente, ultrapassado e sem acesso às oportunidades tão apregoadas pela mídia.

Neste mundo veloz a modernidade impõe cobranças: as transformações tecnológicas exigem que o ser humano também se transforme.

Logo, é preciso acompanhar o ritmo imposto, a qualquer custo. O velho, além de se sentir pressionado a tornar-se integrante desse processo, para não ser discriminado pelos que o rodeiam, ainda receia não ser aceito num universo que valoriza a aparência do corpo jovem e da força física. A busca incessante de uma aparência jovem se coloca imperativamente.

Nas palavras, da historiadora Sant' Anna:

Depois do direito ao rejuvenescimento, o direito à permanência. Nem que para permanecer seja preciso trocar de sexo, de sangue, de cabelo, em suma, de corpo. E não apenas uma única vez, nem de uma vez por todas. Trocar de corpo sem cessar, de acordo com as circunstâncias, como quem troca de site, de roupa, de shampoo. Evitar que o corpo seja um obstáculo para poder entrar em todos os lugares, passar por todos os tempos, navegar em meio a diferentes culturas. Por isso, o homem voltado a transparência também é inquieto e incerto, amedrontado de não ser suficientemente ágil, criativo e flexível. Buscando desvencilhar-se do peso que tem sobre si, ele teme carregar muito corpo, muita memória, muita identidade. E se vê ameaçado constantemente pela vertigem da compulsão consumista e pela depressão aniquiladora (2001: 24-25).

Uma vez que vivemos intensamente a valorização do corpo, a condição para ser aceito é a de ser jovem, belo, “escultural”, estar em forma, ser atraente e sedutor fisicamente. Não se deixar vencer pelas marcas dos muitos anos vividos exige a superação das rugas, sinais do passar da história, refletida e demarcada no corpo.

A lembrança do que determinada ruga pode traduzir é motivo de angústia, porque a idade avançada começa a sinalizar que, num mundo rápido em que se valoriza o novo, o belo, as marcas da experiência, do vivido, perdem o valor.

A manutenção de uma aparência física jovem tem sido procurada nas academias, nos recursos proporcionados pela tecnologia, nas plásticas, ou na tentativa de retardar o que o passar do tempo faz questão de denunciar.

Quais são as conseqüências da apologia de tudo que é ligado à juventude, sugeridas incessantemente pela mídia? Como dar conta desse modelo, tido como o

ideal? Como preservar a identidade com tantas fontes de negação das alterações promovidas ao longo dos anos?

Pacheco Filho ressalta um ponto que acredita ser de suma importância:

... a aparência estética do corpo eleva-se ao mais alto grau de prestígio social. Inegavelmente ela é a “embalagem” que atrai à primeira vista e que, além do mais aguça o mais óbvio e imediato dos apelos espontâneos: o interesse estético e o apetite sexual. (Pacheco Filho, 2002: 84).

O produto construído pela cultura através da mídia não contempla as modificações que a velhice introduz nos corpos, já que a aparência do idoso não tem referências positivas. O corpo velho deixa de ser objeto de desejo na medida em que o padrão de beleza imposto impõe limites para as transmutações: as mulheres não podem mais ser exuberantes em sua silhueta e nem os músculos definidos pelos homens perduram.

Para se ser aceito, só atingindo um padrão próximo do perfeito. Pacheco Filho acrescenta:

... o império da imagem e do consumo, na atualidade, em que nos vemos siderados em nossos eus e efetivamente capturados pela busca da imagem de corpos que mimetizam à perfeição de modelos idealizados específicos, é uma decorrência da própria estruturação das relações sociais capitalistas atuais. Se os outros nos parecem meros espectadores e testemunhas do valor e da beleza da nossa imagem, isso não acontece por um excesso de autonomia e de independência em relação a eles e à sociedade. Pelo contrário, é deles que se originam as diretrizes e os ideais que conduzem as nossas ações (Pacheco Filho, 2002: 86).

O homem se vê prisioneiro de sua própria criação, não acompanhar o modelo é correr o risco de não ser desejado, e isto fere sua imagem, à medida que está visualmente fora do desejo do outro.

O homem é um ser livre para decidir, para escolher, mas essa suposta liberdade o fez escravo de sua própria criação. Sant' Anna retrata este cenário:

Em nossos dias, existem várias indicações que demonstram o quanto usufruímos maior liberdade do que no passado para tratar do corpo, modificá-lo e expô-lo. Mas talvez estejamos mais solitários do que antes diante das responsabilidades que tal liberdade exige e, ainda, amplamente expostos aos holofotes da exigência de ser fotogênico. Encontramos companheiros para conversar a respeito da saúde, centenas de produtos de beleza e de espaços para expor nossas intimidades e confirmar que o “corpo é a principal marca identitária” (Sant’Anna, 2001: 68).

Ainda nas palavras da autora, essa corrida à eterna juventude tem alcançado pessoas de todas as classes sociais, que buscam incessantemente, e de forma incansável, chegar ao pódio como se a vida fosse uma corrida desenfreada atrás do tempo, capaz de apagar as lembranças que negam a construção da própria história.

Frisa também que os homens “... ignoram quem compete com quem, talvez porque a principal competição se passe dentro de cada um, entre o corpo que se é e o ideal de boa forma com que se sonha” (p.70).

Sendo assim, o corpo tornou-se objeto de conquista e de constante manuseio, mesmo que o preço pago seja aquele que não revele (ou já não tenha) mais identidade, pois ao deparar-se diante de sua imagem refletida no espelho não mais se reconhece. Mais uma vez reporto-me às palavras da autora que retrata o seguinte:

O corpo humano derradeiro território a ser conquistado, desvendado e controlado, revela-se, assim, um campo preferido as experimentações da bio-tecnologia e dos investimentos da economia de mercado, justamente quando é fortalecido um paradoxo característico das sociedades industriais: por um lado, tem-se o culto, a adoração, a valorização extrema das aparências e da saúde; por outro a fragmentação do organismo e das terapias em expansão, a dispersão das células, genes e órgãos, além do comércio em larga escala. Em suma, esta era favorável aos cultos do corpo é também aquela que facilita a sua manipulação e comercialização desenfreada (Sant'Anna, 2001: 76).

Portanto, pelo que pudemos observar, o corpo é visto e aceito pela estética, como se ela possibilitasse traduzir o ser em sua totalidade, revelar o sujeito e o que traz dentro de si.

Desta forma, tanto o velho submetido aos recursos plásticos, como aquele que não fez cirurgias corretivas, não se verão livres de sentimentos que proporcionam medo, angústia, solidão. A busca de reconhecimento e perfeição impostas pela indústria da beleza, que vende a idéia de rejuvenescimento, talvez colabore para distanciar o homem das experiências passadas.

Debert, afirma que "... a constituição do envelhecimento em um novo mercado de consumo sugere, por um lado, que o corpo é pura plasticidade e que é dever de todos manter-se jovens" (Debert,1999: 68).

O psicanalista francês Messy (1999) assegura que o fato da quantidade significativa de velhos não se reconhecer como tal e considerar velho o outro, aponta para o espanto que o descompasso entre a percepção e a vivência, produz no indivíduo:

(...) E esta inquietação se enche de temor se nossa imagem no espelho não adere mais à imagem da memória, mas antecipa uma imagem vindoura, marcada pela velhice, confundida com a imagem de um pai ou outro parente idoso, talvez morto (Messy, 1999: 15).

Sendo assim, fica legado ao corpo o responsabilizar-se pelo sucesso, acentuando a contraposição entre aqueles que se previnem dos sinais do envelhecimento mantendo um corpo jovem e os demais que se deixam envelhecer.

A promessa implícita e explícita de tornar-se eternamente jovem, apregoadada pela mídia, fica no imaginário coletivo, designando a responsabilidade pelos corpos aos indivíduos, tratando-os como um mero bem de consumo. Ainda segundo a mesma autora:

A publicidade, os manuais de auto-ajuda e as receitas dos especialistas em saúde estão empenhados em mostrar que as imperfeições do corpo não são naturais nem imutáveis e que, com esforço e trabalho corporal disciplinado, pode-se conquistar a aparência desejada; as rugas e a flacidez se transformam em indícios de lassitude moral e devem ser tratadas com a ajuda de cosméticos, da ginástica, das vitaminas, da indústria do lazer. Os indivíduos não são apenas monitorados para exercer uma vigilância constante no corpo, mas são também responsabilizados pela sua própria saúde, através de doenças auto-infligidas, resultados de abusos corporais, como a bebida, o fumo, a falta de exercícios [...]

Nesse processo, a juventude perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio na vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas (Debert, 1999: 20-21).

1.2. O corpo envelhescente

Ao me deparar com o tema “ O corpo envelhescente”, me arrisco a um diálogo com autores que se propuseram a esta mesma reflexão.

A primeira impressão diante das leituras realizadas foi perceber que a velhice é o “novo” que se impõe, logo, o envelhecer remete a pessoa ao que lhe é desconhecido, de maneira que o antigo território habitado se torna confortável por ser familiar.

O passado, então, é nomeado de “porto seguro”, pois não oferece surpresa nem risco, porque é a aparente zona de conforto.

Desta forma, as lembranças se tornam a única ponte de acesso ao passado, portanto freqüentemente rememorada. Cabe ao homem render-se ao que está posto diante de si, ou retomar sonhos esquecidos, planos que foram deixados de lado e re-significar a vida.

Nas palavras de Lent, o indivíduo deve ser pensado:

... como tendo simultaneamente uma dimensão universal, que o faz parte da raça humana de todos os tempos; uma dimensão única, que lhe pertence exclusivamente tanto quanto suas impressões digitais e sua bagagem genética; e uma dimensão particular, pela qual se torna sujeito de sua história em um momento e um lugar determinado (Lent, 1993: 34).

Ao se reconhecer como humano é no particular que ele se diferencia e se torna sujeito de sua própria história, carregada de vivências significativas.

Esse reconhecimento se dá mediante o olhar do outro referencial que o remete a si mesmo.

Diferentes áreas do saber vêm realizando estudos, a fim de averiguar como o homem enfrenta essa transição, nomeada por alguns autores como “momento de crise”.

Os estudos relativos à psicologia do desenvolvimento se mantiveram voltados, por muito tempo, para a criança.

Hoje, porém, se faz necessário conhecer as peculiaridades de cada etapa da vida. Isso se deve, entre outros fatores, ao crescimento do segmento etário em estudo, pois dados estatísticos legitimam a preocupação de que o Brasil vem se tornando um país com indivíduos cada vez mais velhos.

Apesar disso, poucos são os autores que estudam a velhice em seus aspectos psíquicos e emocionais, uma vez que as ciências médicas se detêm sobre as perdas físicas que vão se instalando com o passar dos anos, ou seja, a decrepitude.

É evidente que não é nosso propósito abordar todos esses enfoques, mas apenas recortar certas reflexões que ajudem a entender o processo do “ser que envelhece”, especificamente os idosos que são o objeto deste trabalho.

Entendo o envelhecimento como um processo que se dá num *continuum* desde a concepção até a morte.

Para Berlinck (1996) o homem no decorrer de sua existência vivencia períodos de encontros e desencontros. Em seu artigo “A envelhescência”, ele traça comparações entre as crises dos adolescentes e dos envelhescentes, porém, para este estudo, importam apenas as considerações sobre o envelhescente.

Portanto, me deterei ao que ele denomina momento de crise, vivido nesta etapa da vida, que segundo ele pode ser desencadeador de novas possibilidades: Pensar na envelhescência como um desencontro pode ser frutífero. O desencontro entre o inconsciente atemporal e o corpo âmbito da temporalidade (Berlinck, 1996: 5).

Sendo o inconsciente atemporal, é o físico que começa a dar sinais visíveis de que está envelhecendo, físico que, embora sendo parte de um eu, se torna estranho e teme não mais se reconhecer.

O que é conhecido e habitado é o desejo da preservação da potência. A interdição é dada pelos limites físicos:

Quando menos se espera, a vista não mais alcança, o ouvido não mais ouve, a pele enruga e os cabelos caem, o peso pesa e só a alma permanece jovem, em evidente descompasso com seu envelope (Berlinck, 1996: 5).

Desta forma, ao se deparar ante a inexorável seqüência da vida, reconhecer-se como “envelhescente” é “... recriar sua rotina diária repensando seu trabalho, adaptando-o às novas exigências corporais” (Berlinck, 1996: 6).

Hayflick corrobora com estas idéias, destacando a necessária consonância entre modificações corporais e os ideais sociais:

A definição do processo de envelhecimento não deve ficar apenas condicionada as alterações biológicas, e tão pouco focado na mera passagem do tempo, para muitos é difícil defini-lo, mas fácil reconhecer nas pessoas na medida em que as alterações na aparência tornam-se visíveis [...]

O envelhecimento normalmente nos atinge quando começamos a contar a passagem dos anos o quanto ficamos mais velhos a cada aniversário, enfim, ao lidar com as nossas expectativas em relação ao que a sociedade espera de um individuo de nossa faixa etária (Hayflick, 1996: 1).

O sujeito convive com expectativas concebidas numa cultura bastante desfavorável com relação àqueles que passam a viver mais anos, principalmente se apresentam dependência.

Diante do envelhecer, sofre, pois gradativamente perde o reconhecimento social que se dá também pelo trabalho; ser afastado do mercado tem implicações muito além da perda do poder aquisitivo.

São inúmeros os depoimentos de homens maduros, carregados de adjetivos, que vão cedendo lugar aos mais jovens.

É interessante observar as contradições às quais os sujeitos estão expostos. Do jovem se exige experiência, já ao homem maduro, embora tenha a experiência necessária, fica o medo de não conseguir manter seu trabalho e ser trocado pelo mais jovem.

Neste exemplo, ficam evidenciados os vários aspectos que envolvem a vivência do envelhecimento.

Martins afirma que a concepção simplista de que é apenas no tempo cronológico que se instalam as mudanças, deve ser repensada:

Precisamos sair da concepção popular de tempo para conceber o sujeito humano sendo o tempo como se comunicando de dentro para fora. A existência não pode ser algo especial, mental, cronológico, sem ser isso tudo numa totalidade, sem assumir e levar para diante seus atributos e transformá-lo em várias dimensões do seu ser. Resulta de qualquer análise de um desses elementos encontrar-se com a subjetividade (Martins, 1991:2).

Portanto, entender o homem apenas como quem concebe as horas que passam, ou as estações do ano ou ainda como anos que se completam, é perder de vista que este homem é um ser que abrange o tempo externo e o tempo interno, um ser subjetivo e senhor de sua história, único em sua forma de sentir.

Conseqüentemente, se percebe diferente desse outro, que não ele mesmo, e possuidor de uma vivência que lhe é singular; o psiquismo sinaliza sua maneira particular de ser.

Logo, é interessante retomarmos Lent que embasou as reflexões iniciais deste item: compreender o homem migrando em seus aspectos psíquicos. Para a autora o termo migração é utilizado para nomear o desenraizamento do que lhe é conhecido:

... assim toda crise consiste no estado de desenraizamento proveniente da desterritorialização. Este estado será a maneira que o sujeito tem de sobreviver ao período de trânsito entre um território psíquico já impossível e outro ainda inviável de ser habitado (Lent, 1993: 34).

Portanto, transitar e habitar espaços e lugares que não reconhece como familiares, introduzem-no numa situação desconhecida.

Esta migração é determinada sempre pelo Acontecimento, o Acidente. Evento exterior ao sujeito que assume seu potencial disruptor por ser não só imprevisto, como imprevisível, aleatório, irreversível. Simultaneamente tem como característica essencial ser de tal magnitude que desloca o sujeito de todos os seus atributos que o tornavam particular, sem atingir sua universalidade e unicidade (Lent, 1993: 35).

A autora alerta para o fato de este Acontecimento e este Acidente provocarem um transitar interno, para o qual não há uma bússola capaz de dar o norte, a direção a seguir. Diante deste “desequilíbrio” abrem-se espaços.

Utilizarei uma metáfora ilustrativa dessa árdua tarefa: é como se um desbravador iniciasse a abertura de trilhas por onde pudesse trafegar e encontrar um caminho.

Neste momento, se depara com limitações e com possibilidades de arriscar novas trilhas.

O envelhecer, então, não se caracteriza apenas pela perda, mas também pela aquisição, pois só se perde aquilo que se possui ou possuiu alguma vez. Segundo a antropóloga Debert:

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A idéia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos (Debert, 1999: 14).

Tornar-se velho, dentre os muitos significados adquiridos em nossa cultura, também é uma conquista da área médica e da farmacologia; estas ciências, além de acrescentar aos homens longevidade, permitem mais qualidade de vida.

A longevidade, segundo a mesma autora, oferece a possibilidade de investir em novos relacionamentos, trazendo benefícios à vida psíquica.

Novamente, usando as palavras do psicanalista Messy, sugiro a idéia de envelhecimento como novas possibilidades: uma perda não é um término “muitas vezes engendra uma aquisição” (1999: 21).

Fundamentando esta afirmação, postula também que o tema envelhecimento em termos psicanalíticos deve ser pensado, por intermédio das instâncias psíquicas, que se identificam nas relações que estabelecem com o objeto e nos investimentos libidinais. A esse respeito, o autor faz as seguintes considerações:

Nesse sentido o ego envelhece, ou seja, ele é o lugar onde se efetua a dinâmica da perda e da aquisição. O envelhecimento como processo normal, é a expressão da temporalidade da pessoa, adere à história de sua vida. Envelhecemos como vivemos, nem melhor, nem pior. Trata-se de uma questão de equilíbrio entre estas duas noções (Messy, 1999: 22).

Assim, o envelhecimento como processo traz em si o conflito entre o que se é capaz de realizar e também as impossibilidades; capaz de conviver com as faltas que se instalam que interferirão diretamente no modo de viver. Reporto-me ainda a Moretti ao se referir ao envelhecimento:

A maneira de posicionar-se frente ao envelhecimento – negando-o ou aceitando-o positivamente e enriquecendo-o com projetos construtivos, aliada às características pessoais, como saúde física e mental, desenvolvimento de potencialidades, projetos de vida individuais e coletivos, influi sensivelmente na qualidade do envelhecer. Assumem importância, na atualidade, os diversos meios de prevenção para um envelhecimento saudável e positivo (Moretti, 1998: 38).

1.3. Este não sou eu

Cada fase do desenvolvimento humano tem uma demarcação cronológica definida. Com relação à velhice, a ONU (Organizações das Nações Unidas) convencionou que, nos países em desenvolvimento, o ingresso aos sessenta anos é o marco inicial da etapa da vida em que o sujeito é denominado “velho”.

No entanto, a passagem entre o cronológico e o psiquismo não se dá de maneira instantânea.

O sujeito, ao completar sessenta anos, não se reconhece como velho, pois a vida e seus acontecimentos não ocorrem de forma linear. Não se deita jovem, e ao acordar com sessenta anos, está velho, sentindo o peso que a nomenclatura lhe impõe, portanto a demarcação cronológica sessenta anos não faz com que o sujeito se reconheça e se aproprie do sentir-se “velho”.

Assim, cada etapa da vida, do nascimento até a morte, contempla novas solicitações tanto na esfera física como na esfera psíquica, portanto cabe ao sujeito se adequar às novas exigências que vão sendo impostas pela família, pela comunidade e os valores que ele mesmo introjetou.

Embora se tenha convencionado essa demarcação cronológica, o psiquismo requer um tempo próprio para se adaptar não somente ao que a família lhe solicita, mas também ao que a comunidade espera desse sujeito em determinada etapa da vida.

Retomo as palavras de Berlinck (1996), mais precisamente, quanto ao quadro comparativo que o autor estabelece entre o adolescente e o envelhescente. Para ele, esse momento de crise está intimamente ligado à passagem da adolescência para a juventude, e da idade madura para a velhice, e a crise reside no transitar que ocorre no psiquismo, de uma etapa da vida à outra, pois a família e a comunidade esperam desse sujeito mudanças de atitude e de comportamento.

Conseqüentemente, não há como evitar o sofrimento, uma vez que tal passagem requer um tempo que lhe é próprio: tempo da vivência, da experiência de vida.

Assim, o sentir-se velho não se apresenta igual em todos, justamente pelo fato de se considerar cada sujeito único e singular.

Um fato do cotidiano que nos chama a atenção para legitimar o exposto acima é quando nos detemos a observar a “fila especial” em bancos e em supermercados na qual vemos muitos idosos não fazerem uso deste direito conquistado.

E por que não se beneficiar? A esta pergunta muitos argumentam que não se sentem velhos, pois a velhice não deve ser categorizada pela idade que se tem, mas pelo fato de sentir-se ou não “velho”.

Normalmente, o que observamos é somente o idoso, bem idoso, se utilizar desse recurso. Reporto-me às palavras de Mercadante sobre a velhice e o ser velho:

(...) o destino da velhice não é ser igualmente velho em todos os lugares, este destino é vivido de maneira variável segundo o contexto social. A velhice, assim como a juventude, não são concepções absolutas, mas formas de interpretar o percurso da vida (Mercadante, 1997: 26).

Como já expus no início deste capítulo, da mesma forma que Mercadante, alguns autores nos mostram a visão que têm da velhice em estudos nos quais abordam este tema que exige pesquisa e busca de saídas tanto pelo Estado, como pela família e pelo próprio idoso.

Há também uma outra questão pertinente ao ser velho, que é o discurso social da velhice que revela a negação do sujeito diante do envelhecer. Portanto, como já afirmei, para Messy o velho é o outro, pois o sujeito sente medo de se reconhecer como tal. Ainda nas palavras deste autor:

... uma idéia compartilhada pela maioria das pessoas: o velho é o outro, em quem não nos reconhecemos. A imagem da velhice parece uma imagem “fora”, no espelho, imagem que nos apanha quando é antecipada e produz uma impressão de inquietante estranheza, no sentido descrito por Freud em seu artigo, quando o apavorante se torna familiar. É o que acontece com a imagem consciente de nós próprios. Funde-se com o que está mais próximo de nós, e apesar de íntima, em nada se

parece com a imagem presentificada no espelho. O tempo deixa suas marcas em nosso rosto (Messy, 1999: 14).

O autor faz uma crítica à sociedade ao generalizar o velho e afirma que o termo utilizado “pessoa idosa” faz com que o sujeito velho com sua história pessoal e particularidades desapareça, ficando, assim, relegado à massificação tornando-se uma categoria social. De modo que ao falar do velho ou da velhice, não se leva em consideração o fator singularidade.

Debert alerta para o seguinte fato:

(...) nos países menos desenvolvidos (o Brasil em particular), o processo de envelhecimento que começa a despontar e que caminha no sentido de uma intensificação surge em um momento de profunda crise econômica, onde as desigualdades e os problemas sociais parecem se agudizar. Neste contexto, em que coexistem problemas prementes relacionados com outros segmentos etários, torna-se difícil sustentar um diagnóstico otimista quanto à evolução da capacidade de dar respostas adequadas às crescentes demandas da população idosa. (Debert in Saad, 1992: 25-38).

Assim, o tema velhice vem conquistando espaço e visibilidade. No Brasil, essa visibilidade traz à tona a crescente preocupação por parte do Estado, intimamente relacionada aos gastos previdenciários. A Previdência Social busca encontrar solução para a demanda cada vez maior de idosos que se beneficiam do direito conquistado.

Porém, fica a questão: quem vai repor a Previdência Social, já que o Brasil tem projeções para no ano de 2020 se tornar o 6º país em população idosa no mundo?

Acompanhamos o debate público, confirmando os preconceitos existentes ao culpabilizar este segmento etário – os velhos - pelo “rombo” deste instituto nacional. Retomemos o debate que aponta para a complexidade cultural que esta etapa engendra.

Olivenstein discorre sobre a continuidade no trabalho e o receio que o velho sente de perdê-lo e o que a sociedade pensa deste velho, ao manter-se em determinada função:

Se os velhos conservam, aqui ou acolá, importantes postos de poder, esta ocupação é vista cada vez mais claramente como uma usurpação pelos mais jovens. O verdadeiro poder, o poder da inovação, das projeções futuristas, escapa cada vez mais rapidamente aos que eram os senhores do mundo. Paradoxo do mundo moderno: a ciência recua cada vez mais a idade da morte; os discursos de compaixão em relação aos idosos fazem parte de nossa liturgia cotidiana; e ao mesmo tempo, os instrumentos de dignidade da velhice – o saber, o poder – são cada vez mais fracos (Olivestein, 2001:19).

Vive-se hoje num país de contradições – sinalizadas anteriormente -, pois ao jovem é solicitado que tenha experiência para ingressar no mercado de trabalho; já ao adulto, ao completar cinquenta anos, fica-lhe reservado o temor de ser demitido, ou de ser trocado por um jovem que execute a mesma função com redução do salário.

Sendo o homem valorizado pelo trabalho que realiza e pelos bens que possui, ao deixar de ser atuante, arrisca-se, dentro desses valores, a ficar isolado socialmente.

Quando ocorre a aposentadoria ou quando se vê impossibilitado de trabalhar, perde o valor conquistado na comunidade e, conseqüentemente, deixa de pertencer aos que produzem, e aos poucos vai sendo incluído no rol dos que vão sendo deixados à margem, pois o valor vigente em nossa sociedade é o do trabalho como marca identitária.

Aos poucos trabalhadores que conseguem manter o emprego fica implícito o medo de ser marginalizado.

Como se beneficiar da longevidade se ao velho é negado o direito de continuidade, no trabalho, na família ou na comunidade? É no social que a vida ganha reconhecimento, a esfera que lhe possibilita sentir-se vivo, ser gerativo.

O discurso que a modernidade impõe é o da alteridade, do velho em contraposição ao jovem e o ser que envelhece vai ganhando estereótipos e estigmas dos quais se torna prisioneiro. Mercadante afirma:

As qualidades atribuídas aos velhos, que vão definir seu perfil identitário são estigmatizadoras e são uma produção ideológica da sociedade. Os velhos conhecem e também partilham dessa ideologia que, entretanto, define o velho em geral, mas não em particular. Assim sendo, pessoalmente não se sentem incluídos no grande modelo ideológico. O partilhar da ideologia revela o fato lógico de que algum grupo de indivíduos preencha os requisitos necessários para serem classificados como velhos. Dessa forma se o “velho” não sou “eu”, o “velho” é o “outro”. As diferenças, as qualidades pessoais são, então, levantadas e apresentadas para definir uma identidade pessoal que se contrapõe à categoria genérica de velho (Mercadante, 1997: 27).

Assim, a sociedade vai imprimindo nestes velhos, atributos negativos que eles introjetam e se colocam como co-participantes desta produção social.

Importante aqui retomar Messy (1999) ao tratar do sujeito velho e do olhar do outro, pois é através do olhar deste outro que o sujeito se percebe como “velho”.

Beavouir em seu livro “A velhice” afirma que:

... à velhice é um além de minha vida, do qual não posso ter nenhuma experiência interior. De maneira mais geral, meu ego é transcendente, que não habita minha consciência, e que só pode ser visualizado a distância. Essa visualização opera-se através de uma imagem: tentamos representar quem somos

através da visão que os outros têm de nós. A própria imagem não é dada na consciência: é um feixe de intencionalidades (Beauvoir, 1999: 357).

Tratarei a seguir das representações que se entrelaçam no psiquismo do sujeito, que vão formando a rede de significados sobre o eu e o outro: a idéia de feixe.

1.4. “Ainda é a cabeça que comanda o corpo”

Hélio Pellegrino

Retomo o item anterior, mais precisamente o último parágrafo que apresenta a idéia de feixe de representações, idéia responsável pelos significados que o sujeito vai tecendo nessa relação eu e o outro.

Nas palavras de Endo:

O que entendemos como sendo nós mesmos, nosso eu próprio, não é mais do que a expressão de um conjunto de representações. Àquelas às quais eu tenho acesso momentaneamente, mas que não podem deixar de estabelecer, no momento mesmo em que dizemos quem somos, uma falta (Endo, 2002: 41).

Na visão psicanalítica, o sujeito é um ser da falta que o acompanhará ao longo de sua existência. A partir do nascimento, inicia-se a primeira relação do bebê com o mundo externo, inicialmente mediada pela mãe ou por quem lhe dispensa os cuidados necessários.

Nos primeiros meses de vida, vive uma relação fusionada com a mãe. A mãe ou quem cuida do bebê é que nomeará o mundo, que dará significado ao que ele sente e de que necessita. Logo, o bebê e a mãe se tornam unos, sendo a mãe no psiquismo do bebê a extensão de si mesmo.

Aos poucos, porém, o bebê vai percebendo que os que lhe dão cuidados não são extensões de si, percebendo-se diferente e separado deles. Como afirma o autor:

Podemos falar na famosa simbiose mãe-bebê, essa fusão entre o psiquismo e o corpo do bebê e entre uma parte do psiquismo materno. Psiquismo materno que deve se fundir apenas parcialmente, de um outro modo haveria um desdobramento patológico dessa fusão. De todo modo, é essa reunião psíquica que permite à mãe reconhecer quando o bebê emite um som qualquer e a mãe identifica (é cocô, é xixi, não é fome, não é cólica, etc.) (Endo, 2002: 45).

É a partir do cuidado dessa mãe que o bebê inicia sua vida psíquica; portanto, é por meio dessa relação que se garante ao bebê entrar no mundo, que é nomeado e representado pela mãe.

O nascimento requer esforço por parte dos pais e do bebê, pois é no meio familiar que ele se constituía como sujeito. Esse trabalho conjunto é, segundo Endo (2002) exaustivo, porém todos devem praticá-lo ao longo da vida, ao longo de sua história.

Na visão psicanalítica, o sujeito é um ser que se constitui por meio da relação mãe-bebê, relação mediada pela família, no microcosmo familiar.

Ao chegar à adolescência, o sujeito vai tendo que mostrar quem é, o que deseja, terá de explicitar o que pensa e sente. Só então se mostrará livre do que os pais esperam que ele seja.

Ainda conforme Endo :

Dizemos que existe o eu quando se pode contar a sua própria biografia, biografia no sentido de se traduzir em linguagem, predestinar em linguagem. Momento em que existe uma autorização pessoal para realizar um novo destino, momento

em que a história é retomada para que se possa prosseguir (Endo, 2002: 48).

Então, ao chegar à velhice, ao dizer que se reconhece como velho, estará pronunciando as representações da velhice que se fizeram ao longo de sua trajetória de vida, e que agora tem de si mesmo, porém no momento em que diz quem é, sabe que lhe falta algo que lhe é inominável, pois o sujeito é um ser da falta. Parte de si pode expressar quem é, e, ao mesmo tempo, desconhecer-se.

A subjetividade do sujeito é atravessada pelos sentidos, pelo que se vê, se ouve, se percebe, de modo que, internamente, vai sendo tecido este feixe de representações.

De maneira que é possível dizer, “ainda é a cabeça que liberta o corpo”, é essa cabeça com sua subjetividade que poderá libertá-lo ou condená-lo, também nessa etapa da vida.

Para Freud, o ego do sujeito se revela em seu corpo: “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (1923: 39).

Assim, é por meio do corpo que o sujeito expressa seu prazer ou desprazer. E é esse ego corporal o responsável e o mediador das possibilidades e das limitações que esse sujeito vive.

Freud afirma:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens [...]

Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se a distância das outras pessoas. A felicidade passível de ser conseguida através desse método é, como vemos, a felicidade da quietude. Contra o temível mundo externo só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendemos solucionar a tarefa por nós mesmos (Freud, 1930: 85).

O relacionar-se com o outro conduz a duas vias: permite ao sujeito sentir-se acolhido em suas alegrias ou temores, compartilhar sua história de vida e instaurar a cumplicidade; ou pode também, nessa ação recíproca, se sentir coagido, preferindo se afastar e ficar no isolamento.

A sociedade impõe padrões socioeconômicos e de beleza; separa e seleciona de acordo com o local de moradia, a roupa que se veste, o carro que se tem. Ao deparar essas diversas situações e exigências, o sujeito pode recolher-se e ficar à margem, ou ir em busca de sua felicidade, sendo aqui entendida como ato de liberdade, possibilidade de vida, de escolhas e de novos afazeres.

Ao sujeito cabe, então, libertar-se das grades que o aprisionam e engendrar sua maneira de ser e estar no mundo, investir em objetos de amor.

Nas palavras de Goldfarb:

Então, para envelhecer da melhor maneira possível, ou seja, bem e durante um longo tempo, é necessário que exista um certo investimento em objetos de amor, que evite a inércia da depressão por desinvestimento, e o domínio radical da pulsão de morte. Em outras palavras é necessário que se mantenha sempre viva a possibilidade da paixão (Goldfarb, 1998: 105).

Assim, apesar de reconhecermos a importância do contexto mais amplo na contribuição das velhices, também acreditamos que cada um pode ser mobilizado para manter o interesse pela vida. Negri assevera que:

(...) o envelhecimento, eu o espero, mas na verdade acho que é uma coisa inteiramente diferente: uma ampliação da capacidade de agir, um aumento na simplicidade e na suavidade. O envelhecimento não é uma cessação, mas, ao contrário, é uma extensão suave e apaziguada da capacidade de agir (Negri, 2001: 49).

Ainda no dizer desse autor:

Cada um de nós é responsável pela sua singularidade, pelo seu presente, pela intensidade da vida, pela juventude e pela velhice que aí investe. E é a única maneira de evitarmos a morte: é preciso apreender o tempo, ocupar-se dele, preenchê-lo de responsabilidade. Toda vez que perdemos isso devido à rotina, aos hábitos, ao cansaço, à depressão ou ao furor, perdemos o senso “ético” da vida (Negri, 2001: 51).

Esse capítulo apresentou algumas reflexões e recortes acerca do tema velhice, fundamentados em alguns teóricos que se propuseram a esta análise e me arrisquei a um diálogo com diferentes autores que pensaram sobre o envelhecimento e o que acontece nessa trajetória, levando em consideração o contexto no qual esse sujeito se insere.

Sendo esse um tema amplo, não há a pretensão de esgotá-lo e uma questão permanece: como passar por esse momento de transição e qual a melhor maneira de enfrentá-lo?

Outro ponto importante, que é objeto desse estudo, é o idoso na família. Por isso, retratarei as contribuições e os diferentes olhares acerca dessa instituição. Segundo afirma Da Matta:

Uma reflexão mais crítica sobre a família permite descobrir que entre nós ela não é apenas uma instituição social capaz de ser individualizada, mas constitui também e principalmente um valor. Há uma escolha por parte da sociedade brasileira, que valoriza e institucionaliza a família como uma instituição fundamental à própria vida social. Assim, a família é um grupo social, bem como uma rede de relações. Funda-se na genealogia e nos elos jurídicos, mas também se faz na convivência social intensa e longa. É um dado de fato da existência social e também constitui um valor, um ponto do sistema para o qual tudo deve tender (Da Matta in: Cervený, Berthoud, 1997: 34).

Algumas das questões que permeiam este estudo, tratarei no capítulo seguinte, ou seja: Como a família se organiza na atualidade? Como se sente o sujeito que envelhece na família? Qual tem sido o olhar do idoso sobre a família?

A FAMÍLIA NESSA ETAPA DA VIDA

“Diferenças individuais quanto às percepções e necessidades são qualidades inerentes a relacionamentos. Cada indivíduo ocupa uma posição única no mundo, no que diz respeito à sua composição genética, temperamento, história, idade e associação com os diversos sistemas sociais. Cada pessoa é fonte de percepções, crenças e necessidades únicas num determinado momento. Essas diferenças intrínsecas nas percepções, crenças e necessidades do indivíduo em contexto relacional formam, no entanto, as bases do conflito na família.”

(Calil, 1987: 23)

Neste capítulo, procuro expor “A família nessa etapa da vida”. Para tanto, me utilizo da reflexão de alguns autores e seus diferentes olhares sobre a instituição família. Embora em nossa cultura prevaleça o modelo nuclear, pai-mãe-filho, não há como negar que outros modelos vêm ganhando reconhecimento social. Sendo assim, se há novos modelos, isso denota que há outras maneiras de estar com o outro, outras demandas. A questão que permeia esse estudo é o relacionamento entre as gerações: Como pais e filhos se relacionam? Ao escolher co-residir com um dos filhos o que é levado em consideração por parte do idoso? Como é a convivência entre as gerações?

2.1. A família contemporânea

Conceituar o que seja família na atualidade não consiste em uma definição fácil, uma vez que esta instituição passa por mudanças e alterações, conforme afirmam Lopes e Calderoni:

Não podemos, então com simplicidade, definir o que seja família. Não existe uma única definição e sim algo que varia no tempo, de cultura para cultura, de sociedade para sociedade, havendo mesmo variações dentro de uma única sociedade num mesmo momento histórico – político-cultural. Portanto, o conceito de família é uma criação humana mutável (Lopes e Calderoni, 2002: 98).

Essas mudanças geram conflitos e instauram um tempo de crise no seio familiar em que pais e filhos não sabem ao certo como agir, o que fazer e como fazer. Os papéis que os membros de uma mesma família desempenham são diferenciados; assim, cada

membro sendo singular e único vive a semelhança e a diferença no pensar e no agir. De acordo com a psicóloga Carvalho:

No transcurso do tempo, a família, como o lócus para o desenvolvimento humano, se estrutura acolhendo, protegendo o desenvolvimento e garantindo a diferenciação de seus membros. Sua organização gira em torno de uma variada gama de interesses e necessidades relativas ao processo de desenvolvimento de cada um de seus membros, o que a caracteriza como um sistema dinâmico e instável por natureza (Carvalho, 2002: 105).

Conseqüentemente, aprender a conviver com as diferenças na família prepara o indivíduo para o convívio na comunidade.

O relacionamento familiar é a principal “escola“ na qual se aprende a viver em sociedade. A família forma e informa e oferece, por meio do cotidiano, novas situações que exigem de seus participantes se posicionarem; portanto, cada tomada de posição refletirá em seus integrantes. Segundo Bosi:

Quem penetra um grupo familiar, através do matrimônio, por exemplo, encontrará uma atmosfera à qual deve adaptar-se; uma unidade e coesão que se defende o quanto pode de mudança (...).

A família que agora conhecemos é restrita ao grupo conjugal e aos filhos, em geral poucos; inclui cada vez menos parentes, agregados e protegidos. Uma larga parentela de tios, primos, padrinhos, rodeava de tal maneira o grupo conjugal que ele se sentia parte de um todo maior (Bosi, 1987: 344).

A família vivencia estágios de desenvolvimento e de organização, dentre os quais: casal recém casado - que exige um período de adaptação; a chegada de um novo

membro que implica em novas responsabilidades e solicitações; filhos na adolescência; filhos crescidos que deixam a casa para trabalhar e filhos que saem de casa para cuidarem da vida. Retomando Carvalho:

Ao imaginarmos uma linha de tempo veremos a família caminhar horizontalmente, atravessando determinados momentos em seu ciclo de vida, que pode ser pontuado por etapas em que ocorrem: o casamento, o nascimento dos filhos, o ingresso dos filhos na vida escolar, a adolescência, a saída dos filhos, a aposentadoria dos pais, a morte dos avós e outros (Kroom, 2000). Assim, o surgimento de uma problemática qualquer é, quase sempre, atribuído às dificuldades da família para lidar com as mudanças que decorrem das necessidades próprias de cada fase e a conseqüente perda, mesmo que momentânea, do equilíbrio familiar (Carvalho, 2000: 107).

Portanto, a instituição família busca assegurar em seu seio cada um de seus membros e pelo fato de ter reduzido o número de seus integrantes, procura manter-se agregada, visto que a perda de um dos seus se torna difícil de suportar, ocorrendo, por conseqüência, a desorganização de seus membros. Ainda segundo Bosi:

Nos moldes de hoje a família - em estrito senso – rema contra a maré de uma sociedade concorrencial, onde a perda de um de seus poucos apoios é absoluta e irremediável. Falta-lhe o envolvimento da grande família de outrora em que o bando de primos fazia as vezes de irmãos, e onde os tios, parentes e agregados acompanhavam a criança desde o berço. O adolescente atual não alcança compreender a ansiedade dos pais quando ele se afasta e dirá: “Para que me querem em casa se eu me tranco no quarto para ler e ouvir música?” Essa pouca presença, quase ausência do filho sob o mesmo teto já traz um certo sentimento de não estar só e segurança à tríade

familiar. Quando a família estaciona e já não dispõe de meios para crescer, não esquece os membros que a deixaram e procura deter seu afastamento, aferrando-se aos elos que o ligavam (Bosi, 1987: 344-345).

Esse estacionar da família às vezes se apresenta de maneira ameaçadora, conforme afirma Walsh:

A redução estrutural da família, de uma família de duas gerações para a díade conjugal, apresenta tarefas de separação pais-filhos e uma mudança para seus pais no investimento em seus filhos para um novo foco em seu casamento. A perda do funcionamento num papel materno torna esta transição especialmente crucial para as mulheres (Walsh, 1987: 270).

Nessa etapa os pais voltam a ser novamente um casal, pois já não têm a presença dos filhos e o compartilhar no mesmo espaço físico. Por conseguinte, o casal se volta um ao outro e se redescobre como homem e mulher, companheiros e amigos, amantes e cúmplices ou se desorganiza internamente e sente-se perdido, pelo fato de não se reconhecer como casal, surgindo o sentimento de estranheza.

Esse período é reconhecido como a síndrome do “ninho vazio” (Neugarten in: Walsh, 1970) que terá de ser preenchido com novos papéis que deverão exercer, porém, até que se ajustem novamente, sofrem por não se reconhecerem, pois a falta ou o “buraco” que ficou, além de ser difícil de suportar, demanda a busca de um novo olhar e um novo estar com o outro e consigo.

Todas essas etapas solicitam postura diversa dos membros de uma mesma família, porque toda mudança exige de cada integrante que se adapte a uma nova maneira de organização interna no seio familiar.

Esse período é permeado por momentos de encontros e desencontros na relação familiar, em que cada integrante mostra sua fragilidade e revela suas carências, dentre elas a de aceitação, de tolerância, de cumplicidade e de apoio mútuo.

Essas alterações geram medo e angústia, sentimentos que levam o sujeito a refletir e a questionar-se. Constantemente, se inquieta e se indaga: Como devo me portar dentro dessa família? Qual é a parte que me cabe realizar? Quem sou nessa família?

Estas questões demonstram algumas das dificuldades para se ajustar à família moderna, e o que vai ficando cada vez mais evidente é a necessidade de perceber e conceber a família como uma instituição mutável. Durhan (1983) postula que: “O problema inicial do estudo da família é dissolver essa aparente naturalidade para percebê-la como criação humana mutável”.

Viver em família requer de seus integrantes um movimento de constante adaptação, portanto o sujeito deve estar atento às novas demandas do grupo familiar que divide não apenas o mesmo espaço físico, mas também os direitos e deveres dentro dessa pequena comunidade.

É na família que se aprendem as primeiras regras de convivência, a relação de autoridade e submissão, a divisão de tarefas, os limites que se estabelecem entre seus membros.

Os papéis exercidos por seus integrantes são bem delineados e cada sujeito na estrutura familiar será reconhecido como membro dessa comunidade sendo único e singular, apesar de o sobrenome pertencer a todos. Ao mesmo tempo em que faz parte de um todo, é também respeitado em sua individualidade.

Nas palavras de Lopes e Calderoni:

As relações entre os componentes de uma família, em especial entre pais e filhos, são constituídas por elementos afetivos complexos e que são intensamente mobilizados, sobretudo diante de alterações importantes na vida de seus integrantes. Refletir sobre o perfil da família em transformação é necessário para sabermos até que ponto podemos continuar a atribuir a ela a responsabilidade de cuidar de seus membros mais velhos (Lopes e Calderoni, 2002: 98).

Então, deduz-se que os modelos de família vêm se configurando de diversas maneiras, como ressaltam as mesmas autoras:

Unidades domésticas plurigeracionais; um agrupamento ampliado devido a dificuldades econômicas; duplas conjugais que optam por não ter filhos; os que optam por ter filhos sem companheiro fixo (“produção independente”); os que se separam e não constituem uma nova família; os que se separam e constituem uma nova família agregando filhos desta relação aos advindos dos primeiros casamentos de um ou de ambos os lados; casais ocupando residências separadas; parceiros conjugais homossexuais (Lopes e Calderoni, 2002: 97).

Desse modo, fica claro que a família, hoje não é conhecida apenas pelo modelo nuclear, contudo há uma nova maneira de estar com o outro que vem ganhando reconhecimento na sociedade.

Para avaliar a instituição família, é preciso levar em consideração o contexto, a cultura e os padrões estabelecidos, vigentes na sociedade em que está inserida. De maneira que não é possível requerer da unidade familiar homogeneização, pois cada família é única em sua forma de ser e estar.

2.2. Pais e filhos em momento de transição

A dificuldade dos pais não reside apenas no fato de os filhos terem crescido, mas de não saber onde colocar o afeto que ainda necessitam dedicar aos filhos. Segundo Sant' Anna in Varella:

Há um período em que os pais vão ficando órfãos dos próprios filhos. Eles crescem sem pedir licença, de repente. Saem do banco de trás para o volante das próprias vidas. Cresceram sem que esgotássemos neles todo nosso afeto (2003: 21).

Assim, de acordo com o autor, crescer implica em sofrimento e dor, tanto para os pais quanto para os filhos, pois trilhar o próprio caminho os obriga como sujeitos a enfrentarem novos desafios, a arriscarem-se e a atreverem-se. Embora aos pais fique o sentimento de um amor ou dedicação inesgotável, é preciso que permitam aos filhos alçarem seus próprios vôos.

Bosi assegura que:

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o individual (Bosi, 1987: 344).

Esse matiz que permanece em cada integrante familiar o acompanhará ao longo de sua trajetória. Assim, solicita-se aos pais e aos filhos que se tornem independentes

afetivamente, o que não significa prescindir do apoio afetivo, mas sim, ser capaz de investir em novos relacionamentos e em novas escolhas.

Os pais devem buscar uma nova maneira de realizar, encontrar novos objetos nos quais invistam o amor que não fora esgotado nos filhos.

E aos filhos fica reservado o temor por verem seus pais que outrora eram vigorosos fisicamente, decidiam o que fazer e como fazer, não dependiam de terceiros, aos poucos, demonstrarem sua fragilidade, solicitarem a eles que opinem sobre determinado assunto ou que os ajudem nas decisões.

E aos poucos vai ocorrendo a troca de papéis na família. Se antes os filhos eram cuidados pelos pais, agora com os pais velhos, os filhos, muitas vezes, se tornam cuidadores deles e essa troca de papéis mexe com a estrutura psicológica de cada membro da família.

Calderoni e Lopes afirmam:

O envelhecimento dos pais afeta a estrutura psicológica de cada um dos elementos da família que, mesmo sem ter consciência, se deparam com medos e inseguranças. Os filhos sentem que seus pais, de cuidadores que eram, passam a ter que ser cuidados. A dinâmica de modificações nesses papéis é complexa, pois mexe com questões internas de onipotência, narcisismo, culpa, cobrança e relação de poder (dominação – submissão), entre outras (Calderoni e Lopes, 2002: 101).

As autoras ainda aludem ao fato dos filhos, nesse período, viverem uma sobrecarga em sua estrutura psíquica decorrente da pressão social, pois nessa fase da vida as exigências às quais os indivíduos estão expostos são inúmeras. Dentre elas, as mais comuns são originadas no trabalho, na vida profissional, na família e nos

diferentes papéis que o sujeito exerce ao longo da vida como filho ou filha, pai ou mãe e avô ou avó.

Fica reservado ao sujeito administrar o que vai percebendo em seu próprio físico, assim o envelhecer de seus pais ou dos que o rodeiam o remete a seu próprio envelhecer.

Ainda Calderoni e Lopes:

O confronto com o envelhecimento aparece numa fase da vida – meia idade – em que os próprios indivíduos estão sobrecarregados de responsabilidades (com seus trabalhos, com a criação de seus próprios filhos, com os pais idosos). Conflitos, ambivalências e inseguranças surgem. É como se toda a família sofresse o impacto do envelhecimento. Há certas situações de relacionamento familiar que constituem indicadores importantes, verdadeiros sinais de alerta, a indicar que as famílias estão tendo uma vivência de sofrimento frente ao envelhecimento de seus membros (...)

Muitas vezes, a família não está preparada para perceber e lidar com tantas transformações que ocorrem com a pessoa que envelhece e, mesmo querendo ajudar não consegue se posicionar adequadamente. Mudanças intensas que ocorrem com um ente querido levam por vezes a nossa própria desorganização interna (Calderoni e Lopes, 2002: 101).

Essas mudanças tão intensas levam cada componente dessa família a estar diante de situações que não saberiam resolver. Não havendo como fugir, surgem então, as seguintes indagações: Como devo me portar diante do novo que se impõe? Como me portar como filho ou filha com meus pais que se tornaram velhos?

Nesse momento, os filhos passam por dúvidas e incertezas e, por se sentirem responsáveis por seus pais velhos, começam a lhes tirar o poder de decisão, e a gerir suas vidas.

Essa questão é de suma importância, pois de maneira inconsciente os filhos passam a tratar os pais como se fossem seus filhos e querem decidir por eles, começam a dar sinais de cuidados excessivos que podem levá-los a uma dependência desnecessária.

Aos poucos, os pais vão se colocando no lugar de impossibilitados, de dependentes. Sem se darem conta, os filhos vão abafando a autonomia dos pais, e estes passam a acreditar que já não podem realizar tarefas do cotidiano.

Sem perceber, os filhos vão tomando para si um peso que poderá se tornar insuportável, e aos pais fica reservado o temor da perda da identidade, pois vão ficando à mercê dos desejos de seus familiares.

Essa é uma etapa em que todos os componentes de uma mesma família deverão repensar sobre o que necessitam manter e do que precisam se desprender. Caso isso não ocorra, o vínculo familiar pode se tornar doentio.

Para que se possa vivenciar uma relação saudável é preciso não esquecer que, embora pais e filhos façam parte da mesma unidade familiar, cada um deve decidir o que acredita ser o melhor para si e para os outros.

2.3. O idoso e a família

O envelhecimento traz para o psiquismo do sujeito novos desafios e, para os pais que se tornaram avós, a dificuldade maior é a de aceitar que já não são mais

responsáveis pelos filhos. Logo, cada qual na unidade familiar busca encontrar seu caminho.

Nessa etapa, o idoso deve repensar sua vida e o que acredita neste momento ser o melhor para si. Deve, também, apropriar-se do tempo livre de que dispõe, não delegando à família o direito de inferir sobre suas escolhas. Assim, assegurará não apenas sua identidade, mas também sua privacidade e autonomia.

Segundo Goldim (2002: 85) “Uma pessoa autônoma é um indivíduo capaz de deliberar sobre seus objetivos pessoais e de agir na direção dessa deliberação”.

Tomar para si a responsabilidade de decisão pode gerar conflito na família, entretanto o fato de ser capaz de dizer o que quer e o que pensa, o coloca na posição de sujeito que sabe o que deseja.

Ao expor suas vontades, o idoso pode desorganizar a família, que por estar habituada com sua maneira de ser, pode não aceitar sua nova forma de atuação, gerando conflito entre as gerações. No entanto, essa desorganização é a maneira pela qual o grupo poderá repensar seu jeito de ser.

Quando a família se desorganiza internamente, não significa que isso seja ruim, ao contrário, essa desorganização permite uma nova maneira de estar com o outro e garante a cada membro da unidade familiar preservar sua individualidade.

Muitas vezes, o idoso é visto como um ser aparentemente fragilizado e, devido a isso, os integrantes da comunidade familiar poderão se sentir no direito de resolver pelo idoso aquilo que ele deve fazer. Essa maneira de atuação dos filhos com os idosos vai minando qualquer possibilidade de diálogo deles com os filhos e os netos.

É por meio do diálogo que as diferenças aparecem, e o fato de não haver coesão nas decisões, não significa ser negativo para a família. Quando cada qual na unidade

familiar expõe sua maneira de pensar, é ouvido e acolhido, gera a percepção de pertencimento ao grupo, independente das diferenças verbalizadas.

O discordar entre os membros da unidade familiar é um recurso importante, pois possibilita o sentimento de respeito mútuo, e a vida em família ganha espontaneidade.

De acordo com Ferrigno:

Conflitos, contradições, antagonismos, fazem parte de nosso cotidiano, da cultura e da natureza humana. Sua inevitável presença pode ser a mola propulsora e indispensável para gerar mudanças. Por isso, o conflito não deve ser negado. É preciso que seja compreendido, enfrentado e superado. A idéia de consenso nas relações sociais é perigosa, pois pode ser encobridora da realidade. Claro está que a busca de acordo e de interesses comuns tem inegável importância, mas é preciso que as diferenças não sejam escamoteadas e tampouco os conflitos negados (Ferrigno, 2003: 58).

Na medida em que os filhos deixam de ouvir seus pais ou que os pais deixam de expor aos filhos e netos o que pensam e querem, fecham toda e qualquer possibilidade de diálogo. Uma comunicação enviesada traz dificuldades à família e não assegura a seus integrantes uma convivência saudável.

O fato de o idoso não dizer o que sente e pensa, não significa que aprova o que acontece ao seu redor, sobretudo o que o afeta diretamente. Podemos inferir, nesse caso, que, a falha na comunicação ou a falta de diálogo entre os membros de uma mesma família se acentua com o passar dos anos, de forma que o idoso vai deixando de expressar o que deseja, podendo isolar-se e sentir-se só, embora esteja rodeado pelos familiares.

O diálogo é a “porta aberta” a uma convivência satisfatória e é por intermédio dele que se demonstram igualdade e respeito do idoso para consigo mesmo e para com o outro.

Ainda nas palavras desse autor:

(...) não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação! (Ferrigno, 2003: 77-78).

Preservar a comunicação e estabelecer a troca pelo diálogo permite tanto ao idoso quanto aos que o rodeiam, a possibilidade de aprender a conviver com as diferenças no pensar e no agir entre as gerações. Ao permitir as diferenças ocorre o aprendizado e o repensar a vida.

Ferrigno reitera:

Sobre o igualitarismo propiciado pelo diálogo e aplicado às relações intergeracionais, assim se exprime Oliveira (1999: 277), “a co-educação de gerações supõe da parte dos que estão envolvidos, uma predisposição para aceitar as peculiaridades que a diversidade de tempos imprime na formação de cada qual. Aquiescer a um tal convite é muito mais que tolerância; implica o trabalho de convergir em busca de relações igualitárias, acatando (e não abolindo) as diferenças, pois, é por meio delas que se renovam as possibilidades de modificação recíproca dos participantes. Em

outras palavras, é através da percepção do outro como diferente que posso, numa dada relação, divisar meu inacabamento, quer dizer, enxergar as possibilidades que o outro sugere para minha mudança. É uma trajetória nada simples, mas que acena com promessas luminosas (Ferrigno, 2003: 147).

O ser humano é um ser que se completa nas relações e é mediante o relacionar-se que se percebe. É o outro quem sinaliza e dá sentido à vida, à existência.

Ao conviver com as diferentes gerações o ser que envelhece cria o contato com o passado, o presente e o futuro e transmite aos membros da família e à comunidade sua experiência. Além disso, compartilha parte de sua história com as diferentes gerações, o que lhe assegura um lugar na estrutura familiar, permitindo-lhe ter o sentimento tão necessário de pertencer ao grupo.

Ainda Ferrigno afirma:

Vivemos em um sistema social que separa as gerações: crianças de um lado, adolescentes de outro, mais além adultos jovens, noutro canto os mais idosos. O distanciamento de gerações, certamente tem complexas e profundas raízes culturais que devem ser investigadas, com vistas à proposição de experiências que possam aproximá-las, presumindo-se que, com tal aproximação, a sociedade só terá a ganhar (2003: 109).

2.4. A questão contemporânea da co-geração

Ao tratar a convivência entre as gerações, procuro retratar especificamente o idoso na família e como se relacionam as diferentes gerações: pais, filhos e avós.

Falar da velhice nos remete a pensar quem são esses avós, quais são seus desejos, explicitados e encobertos, como se sentem nesse papel e quais são seus temores nessa etapa da vida.

A convivência entre as gerações lhes permite revisitar o passado, por meio do qual é possível rever o papel que desempenharam como pais e que continuam exercendo como avós. Passado, presente e futuro se condensam e num misto de alegrias e tristezas, por ver, através do tempo, aquilo que realizaram e o que não conseguiram pôr em prática e que foi postergado.

Esse exercício de serem pais e avós resulta em acertos e erros. Frequentemente, os acertos, talvez pelo fato de serem um dever que o ser humano se impõe, ficam relegados ao esquecimento.

Nas relações familiares, normalmente, os erros cometidos na educação dos filhos ficam em evidência, muitas vezes, manifestando-se o sentimento de culpa nos pais.

O sofrimento explicitado pelos pais idosos aos filhos, não raro, é de dor por terem causado mágoas e ressentimentos. E ocorre também dos filhos retratarem suas experiências infantis com certo desagrado, desapontamento e desaprovação.

Os pais podem evocar nos filhos lembranças que eles gostariam de esquecer, mas também trazem recordações de bons momentos, de cuidado e de atenção. Viver em família, portanto, é esse misto que nos propicia no cotidiano os sentimentos de alegrias e tristezas, acertos e erros.

Mais uma vez retomo o que foi dito: na nossa cultura, a família é a principal “escola” onde se aprende a lidar com as diversas situações que a vida nos apresenta e, nesse contexto, pais e filhos vão se desenvolver juntos, pois não há como aprender isoladamente.

É no compartilhar a vida em família que o sujeito idoso, o jovem e a criança terão a oportunidade de se desenvolverem afetivamente. Cada nova situação os faz proceder adequadamente ou cometer falhas, uma vez que não há como saber o que fazer antes de viver cada momento, pois ao nascermos não encontramos um manual que nos ensina como nos comportarmos diante da vida; logo, cada dia representa novo aprendizado.

Segundo a psicóloga Lopes:

A análise das relações afetivas na família nos ajuda a entender as culpas, cobranças e expectativas, muitas vezes de difícil explicitação (...).

Nesse sentido precisamos atentar para o idoso em relação à família e a família com relação ao idoso. A tendência é colocar o idoso como vítima na maneira como é tratado na esfera doméstica. Esse olhar de quem está de fora e desatento à complexidade da trama afetiva que se estabelece onde há convivência, não colabora para superar os impasses que se criam. Conjuntamente deveríamos estudar a dinâmica familiar e como se chegou a dado tipo de arranjo. No exercício de revisitar a sua história, o indivíduo idoso pode passar a se inquirir como se envolveu nessa dinâmica, revendo as idealizações para com os filhos, marido, noras/genros e netos e os aspectos em que não se sente bem atendido (Lopes, 2001: 38).

O envelhecimento remete a família a um sofrimento psíquico, pelo fato de os filhos verem os pais envelhecerem; portanto, há mudança de atitude por parte dos seus integrantes que procuram se ajustar à nova demanda que percorre todo o imaginário do grupo familiar.

Assim por vezes, a família demonstra seu sofrimento, como reitera Lopes:

Alguns mecanismos que podemos detectar nas famílias em sofrimento psíquico frente ao envelhecimento de um de seus membros: elementos tornam-se bodes expiatórios da miséria afetiva que se instala; se induz um filho a assumir e atuar no papel desse membro; associação de alguns membros a outros quando da resolução dos problemas; se interage simbioticamente, não havendo diferenciação; ataque ao elemento doente como uma retirada auto-defensiva (Lopes, 2001: 39).

O convívio entre as gerações necessita de um novo olhar, um olhar atento para que se possa assegurar a saúde emocional de seus membros, para que possam não somente terem a individualidade preservada, mas também conviverem com o que é pertinente ao grupo familiar.

2.5. Avós e netos

Qual é a visão que se tem dos avós na atualidade, como se sentem como avós e o que se espera deles? Por muito tempo, os avós foram vistos como cuidadores dos netos, papel que foi delegado especialmente às mulheres, que abriam mão de seus interesses pessoais para se dedicarem a essa tarefa. Hoje, porém, avós e avôs conquistam novos espaços e já não se situam exclusivamente na expectativa desse papel.

Embora ainda existam situações que demandem dos avós cuidarem dos netos, já se percebe mudança nesse aspecto e há muitos avós que estão com os netos não apenas por necessidade ou por obrigação, mas pelo prazer de compartilhar esse momento da vida. Isso denota que, na atualidade, muitos já se permitem outras escolhas para viverem o tempo livre.

Ainda de acordo com Lopes:

O imaginário social associa avó à idéia de velho e de alguém livre de sentimentos contraditórios. No entanto, na sociedade contemporânea, a velhice é carregada de atribuições negativas, assim a crise de papéis atinge também expectativas com relação ao ser avô/avó: - o que se espera dos avós; ao que os avós não conseguem mais se submeter (...).

A existência do neto intranqüiliza, gerando um tumulto interno que propiciará o surgimento interno de novos interesses e o resgate da vitalidade. Através da possibilidade de amor pelo neto o idoso re-descobre esse sentimento em si. Na “vovozice” o indivíduo lida com emoções relacionadas: - a si mesmo; - ao que foi; - ao que queria ser; - à pessoa que foi parte de si mesma (Lopes, 2001: 39-40).

O convívio entre as gerações permite esta nova maneira de estar e, nessa relação que é recíproca, os avós e os netos trocam experiências de vida. Embora vivam tempos diferentes, ocorre a co-educação entre as gerações.

Oliveira afirma:

Os avós educam, portanto, os netos e, ao mesmo tempo, embora de modo diferente, são reeducados por essas crianças. Quer dizer, se há uma socialização ela precisaria ser vista não de modo unívoco (dos avós para os netos) e sim mediante relações recíprocas, num movimento que a todo instante constrói ou redefine a feição dos sujeitos, física e simbolicamente. Ressoam aqui pertinentes as palavras de Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém – ninguém se educa a si mesmo – os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Oliveira, 1999: 24).

Assim, o autor pontua a relação de complementariedade que ocorre entre as gerações em que avós e netos trocam experiências de vida. Nessa relação se enriquecem, pois vivem as diferenças não só da idade, mas de contexto histórico, podendo exercitar um novo olhar. Tanto os avós quanto os netos de maneira atemporal revisitam o passado, vivem o presente e traçam planos para o futuro. Quando se compartilha o cotidiano, a co-educação é construída entre as gerações.

Reitera o autor citado:

Uma co-educação é algo que se constrói na história como fazer-se, ou seja, supõe gerações em movimento. Desse modo, abandona-se a idéia de geração como algo dedutível de um momento já vivido, raciocínio que só seria possível numa etapa posterior, depois de acabada a festa. No fazer-se, ao contrário, a geração além de ser vista como depositária de uma época, e portanto banhada por um tempo datado historicamente, pode igualmente ser percebida como modeladora das marcas de sua passagem, no tempo e no espaço. Tais marcas estariam impressas na cultura material e simbólica, que comporia, vamos dizer assim, o conjunto de oferendas das gerações, umas às outras. Como se trata de um movimento, de algo que está se desdobrando, são legados que se renovam; além do que, não é apenas uma geração que dá algo de si enquanto a outra, passivamente, fica sendo receptora inerte das dádivas. Um convívio de gerações, nesta perspectiva, não comporta linearidade e, portanto, não se resume na passagem de sabedorias dos velhos para as crianças. Estas, mesmo que nem sequer o saibam, também podem transmitir muito às gerações mais velhas. (Oliveira, 1999: 26).

Assim, esse encontro ocasiona um aprendizado que acompanha as diferentes idades, não importa o quanto se sabe. Se existir a abertura, pode haver o ganho e o

sentimento de que sempre se tem algo a aprender e a ensinar, pois somos seres inacabados. Oliveira assegura:

Os novos contatos que se abrem com o reencontro de avós e netos, agora para uma vida partilhada, trazem possibilidades de renovação de uns e outros, mas os ingredientes deste saber não são simplesmente transferidos como quem passa um anel entre as mãos. São trabalhados na mente de quem acolhe e ingressam na vida de uma pessoa como conquista (...)

Entre os avós e netos que conheci prevalece a discussão das diferenças pela argumentação e só “quando a boca não vence”, em casos extremos, é que se recorre a *chegos* ou a reprimendas mais severas. Caberia dizer que avós e netos convergem na busca de relações igualitárias, ou seja, na não sobreposição de uma geração à outra. Há predisposição de parte a parte em acolher, em abrigar e em sustentar, mesmo que modificadamente, as sugestões oferecidas na convivência diária. Claro que persistem diferenças, mas elas são bem-vindas em relações que se pautam pela democratização, pela aceitação do outro e pelo respeito que este faz por merecer como pessoa. Perceber-se diferente e simultaneamente partícipe de uma vida comum é um dos pontos altos desta co-educação. (Oliveira, 1999: 27-28).

Ao atentar para esse mecanismo psicológico que se passa internamente no sujeito que envelheceu e se tornou avô ou avó, o idoso vivencia a continuidade de seu ser, através do neto.

Este possibilita o sentimento de continuidade através das gerações e o deixa menos temeroso em relação a finitude. Lopes (2001: 40) reitera “Os netos ao serem a possibilidade simbólica da imortalidade aliviam o enfrentamento da situação desconhecida que é a morte”.

2.6. Pais, filhos e netos co-residindo

Este subitem está fundamentado na pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica aplicada (IPEA, Abril de 2003), que apontou como as famílias vêm se organizando diante do envelhecimento populacional e um dado interessante é que elas buscam se ajustar diante da adversidade socioeconômica e a co-residência tem sido a saída encontrada. Muitos são os fatores que levam pais e filhos a co-residirem. O IPEA destaca algumas das situações que levam a esse arranjo familiar, que vem ocorrendo não só no Brasil, mas também em outros países:

Diversos trabalhos envolvendo vários países do mundo têm mostrado que a co-residência não se dá apenas por necessidade do idoso. Em muitos casos, ela se dá por necessidade da população mais jovem. Os jovens estão permanecendo economicamente dependentes de seus pais por períodos mais longos. As pesquisas mostram que isso se deve a instabilidade do mercado de trabalho, ao maior número de anos passados na escola e a inconsistência de suas relações afetivas. No Brasil, a saída da casa dos pais tem se dado em idades consideradas avançadas, por exemplo, quando comparadas a países europeus como a Dinamarca. Para esses países considera-se como saída tardia a que ocorre após os 22 anos. No Brasil, o divisor de águas ocorre aos 26 anos. Além disso, a proporção de pessoas que moram com os pais após essa idade cresceu entre 1981 e 1993 (IPEA, 2003: 5).

O IPEA por meio desse estudo elucida, que na atualidade, vem ocorrendo uma relação de troca entre pais e filhos. Já não se fala tão somente em pais idosos que são cuidados pelos filhos, mas também de filhos que necessitam da ajuda dos pais e

permanecem mais tempo com eles, pois não estão em situação que lhes favoreça deixar a casa paterna.

Diante deste fato, a co-residência tem se tornado estratégica tanto para as gerações mais jovens quanto para os mais velhos. O mito de que o idoso é um peso para a família não procede, visto que os idosos contribuem financeiramente com as despesas da casa, e, muitas vezes, a aposentadoria do idoso é incorporada ao orçamento familiar.

Ao expor o que levam idosos a co-residirem com os filhos, meu intento é verificar qual o motivo que o levou a esta decisão. Para tanto, surge uma primeira questão: Ao conquistar seu espaço, o idoso tem liberdade e autonomia para decidir o que, quando, como e o porquê de fazer determinadas tarefas.

Essa liberdade e autonomia são mantidas ou se perde ao co-residir com os filhos? Por outro lado, sob a perspectiva desse idoso que compartilha novamente o mesmo espaço físico com os filhos que já haviam deixado a casa paterna, qual é o olhar para essa família e qual o significado do co-residir? Ou seja, quais são os ganhos ou perdas inerentes a essa escolha? Como o idoso lida com as diferenças entre as gerações?

O IPEA fez um estudo de idosos que co-residem com familiares, estabelecendo diferenças entre “famílias *de* idosos” e “famílias *com* idosos”, isto é, as “famílias *de* idosos” são àquelas cujo idoso é o chefe da família ou o cônjuge; e nas “famílias *com* idosos”, aqueles idosos que moram na condição de parentes - sogros, sogras, tios do chefe da família. Segundo o IPEA:

Desagregando as famílias pelas duas categorias consideradas, observa-se que o crescimento ocorreu entre as famílias de idosos. As famílias com idosos diminuíram tanto em termos absolutos quanto relativos. As famílias de idosos são responsáveis por 22% das famílias brasileiras. A redução das famílias com idosos sugere uma redução da “dependência” dos

idosos, como já notado em outros trabalhos [Camarano e El Ghouri (1999)]. (IPEA, 2003: 8).

O arranjo familiar que nos interessa nesse estudo é o da “família *com* idoso”. Segundo o IPEA, “a co-residência ou ampliação das famílias dos idosos pode ser uma estratégia familiar utilizada para beneficiar tanto as gerações mais novas como as mais velhas” (2003: 2).

Ainda segundo o estudo realizado pelo IPEA:

Do ponto de vista dos idosos, os estudos não revelam se os arranjos familiares refletem suas preferências quanto à co-residência ou se esta é resultado de pressões econômicas, sociais e/ou de saúde, ou seja, eles podem estar refletindo mais uma falta de opção do que opção (2003: 8).

São inúmeras as circunstâncias que levam o idoso a co-residir, dentre elas as mais citadas são: dependência financeira, problemas relacionados a saúde, solidão, patologias, entre outros.

A escolha, portanto, fica submetida à dependência financeira, aos estados de saúde e ao aspecto emocional. Como essas situações são reais, fica explicitado o estar junto, como uma obrigatoriedade, isto é, é um dever da família dar suporte aos pais idosos.

No artigo 4º constituem diretrizes da Política Nacional do Idoso:

III – priorização do atendimento ao idoso através de suas próprias famílias, em detrimento do atendimento asilar, à exceção dos idosos que não possuam condições que garantam sua própria sobrevivência (2001: 9).

Quando saímos das situações citadas e adentramos a questão inicial que permeia esse trabalho que é o idoso que co-reside com o filho ou filha por escolha, pois tem autonomia, independência e saúde. Então, o que norteia essa escolha? Quais são as expectativas e desejos decorrentes dessa relação? Quais são os medos que não são declarados, mas que permeiam o imaginário, o porquê do não morar sozinho?

Essas são algumas das questões que procurarei explorar nesse estudo, na medida em que o idoso expressa sua opinião e mostra sua visão diante dos familiares, que expõe seus temores e suas alegrias, se há o reconhecimento de que é o responsável pelo seu bem estar não colocando sobre o outro essa responsabilidade.

Sendo assim, o próximo capítulo consiste nos procedimentos metodológicos e na análise e interpretação dos dados, que permitirão elucidar essas questões.

ASPECTOS DA METODOLOGIA

“É através do raciocínio que o autor expõe, passo-a-passo, seu pensamento e transmite sua mensagem. O raciocínio, a argumentação, é o conjunto de idéias e proposições logicamente encadeadas, mediante as quais o autor demonstra sua posição.”

(Severino, 2000: 55)

Neste capítulo, explico os fundamentos teóricos que norteiam o estudo das interpretações e os passos da investigação. Descrevo o local onde foi realizada a entrevista e a técnica utilizada para a obtenção dos dados, para, em seguida, sistematizar a proposta de análise de conteúdo.

1. TEORIA

Como citado anteriormente, os idosos são o grupo etário que mais tem crescido no Brasil, sendo este um fator que vem despertando não só o interesse por parte do Estado, como também a busca de soluções para questões que necessitam de um novo olhar.

A inquietação que permeia este estudo tem seu foco no idoso e na família. Nesse sentido muito do que é falado e apregoado deve ser repensado. O mito de que os idosos sobrecarregam suas famílias deve ser investigado e merece ser revisto, pois como já citado, muitas famílias agregam a seu orçamento a pensão ou a aposentadoria de seu membro idoso.

Então, o que leva idosos que são saudáveis, independentes e capazes de gerirem suas próprias vidas a co-residirem com os filhos?

Foram estes questionamentos e inquietações que me propiciaram desenvolver este estudo.

2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A escolha do sujeito obedeceu aos seguintes critérios: deveria ter idade igual ou acima de 60 anos, que tivesse condição financeira para se manter e, principalmente, que gozasse de boa saúde, e, no caso de ter alguma doença, não necessitasse do cuidado de terceiros.

Para este trabalho, optou-se por um único entrevistado, tomando como base Kolyniak, que assim denomina o que seja o sujeito típico:

“É aquele que encarna um movimento que é coletivo, não do indivíduo, que de alguma forma está concretizando as tendências (utopias, projetos, crenças, etc) que estão delineando-se no grupo em estudo. Uma vez captada esta tendência, escolhemos o sujeito, que não é um único possível, um eleito, mas é um que está conseguindo concretizar esta tendência. Notemos que falamos em estar conseguindo realizar uma tendência e não tê-la concretizado, uma vez que o conceito contido em “concretizado uma tendência” traz em si a idéia de movimento contínuo, a tendência se amplia ou se modifica a cada momento em que ela é perseguida.” (1996: 35)

A opção pela pesquisa qualitativa se deu por nos permitir uma melhor aproximação à natureza do problema investigado:

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.” (Minayo, 2001: 21)

Como pesquisadora, procuro tornar o encontro com o entrevistado o mais cordial possível, respeitando a individualidade e a privacidade.

De acordo com Calabrizi (2001: 94):

“Talvez aí se esconda o grande segredo de um pesquisador: mesmo na euforia de coletar dados, não se esquece nem por um instante que, por mais precioso que seja o material que se irá coletar, antes de tudo se deve privilegiar o respeito pelos sujeitos da pesquisa. Essa troca enriquecedora que a pesquisa nos propicia faz com que, por alguns instantes, em contato com alguns entrevistados, nos sentíssemos inseridos no contexto da família, conversando “como velhos conhecidos”, e essa “cumplicidade” que surgiu nessas ocasiões nos faz acreditar que nunca mais seremos os mesmos em relação a essas pessoas”.

O contato foi previamente agendado, sendo o local, dia e horário estabelecido pelo entrevistado. Ao participante foi explicado o tema do trabalho e, não havendo objeção à proposta, foi realizada, mediante a técnica de entrevista semi-estruturada, a coleta do depoimento.

A entrevista, gravada em fita-cassete, previamente autorizada, foi semidirigida, seguindo um roteiro temático.

O uso do gravador foi escolhido como recurso técnico auxiliar, pois acreditamos que ele permite perceber as palavras mais expressivas do narrador, a entonação de voz, as pausas, obtendo dados importantes para o estudo.

O depoimento foi transcrito na íntegra, resguardando a identidade do entrevistado. Além disso, fez-se uso do diário de campo no sentido de anotar possíveis interferências, gestos e expressões, ocorridas no momento da entrevista.

Por tratar-se de um tema que envolve muitas emoções e sentimentos, a sensibilidade da pesquisadora está presente em todos os momentos, desde o contato telefônico até o término do encontro e mereceu atenção, como os demais materiais.

3. ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para Minayo (1999), a análise de conteúdo na sua história mais recente, isto é, enquanto técnica de tratamento de dados é a eleita das metodologias quantitativas, porém busca sua lógica ao interpretar o material.

A análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa cujo objetivo é a busca do *sentido* ou dos *sentidos* de um texto... Resumindo: o que está escrito é o ponto de partida, a interpretação é o processo a ser seguido, e a contextualização, o pano de fundo que garante relevância. (Franco, 1994: 165 - 169 apud Lopes, 2000: 80 - 81).

Portanto, a fala do depoente foi analisada e interpretada de maneira cuidadosa, lado a lado com a teoria, buscando averiguar o não aparente e o significado do não dito.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

A fim de analisar e interpretar o depoimento, pretendo uma interlocução entre este e os aspectos teóricos que subsidiam o estudo.

Farei isto, respeitando a fala oral do entrevistado, classificando-a por assuntos, que nortearam o roteiro da entrevista.

A interpretação se dá a partir da teia de significados que o entrevistado vivencia, e está intimamente relacionada à construção cultural, atentando para os valores, crenças e significados presentes no que traz como sujeito singular, particular e universal.

Mezan, em seu artigo *Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos e reflexões*, referenda esta posição ao descrever que:

Os processos psíquicos são essencialmente os mesmos em todos os seres humanos, pois somos membros da mesma espécie.

(...) A outra razão diz respeito à regularidade da vida psíquica de cada pessoa. Todos nós temos certas características que nos individualizam: temos determinadas preferências sexuais, mecanismos de defesa em número limitado, modos de reação típicos em situações análogas – e isso inclusive no plano do *habitus corporal*: é um fato facilmente observável pelo analista que se serve do divã que, quando as pessoas, o fazem sempre ou quase sempre da mesma maneira. É esta regularidade que permite inferir as constantes da vida psíquica. (Mezan, 2001: 159 – 160)

Mezan postula que a generalização daquilo que é próprio ao humano se dá pelo fato de as pessoas vivenciarem conflitos semelhantes:

(...) Há coisas que são absolutamente de cada um, individuais, singulares: outras que cada qual compartilha com um certo número de outros seres humanos, por exemplo, defesas ou sintomas: existe mais de uma pessoa deprimida, e nem todo mundo sofre de depressão (...) Em suma: existe um processo de construção do conhecimento por generalização crescente, que se organiza em três níveis ou planos: para o próprio indivíduo, para um grupo de indivíduos, e, mais adiante, para toda a humanidade. Todo ser humano tem que passar por certas crises em sua vida – de nascimento, de separação dos pais, de escolha de um parceiro sexual. Estes processos são universais; o que vai variar entre as ilhas Samoas e São Paulo, ou entre culturas e épocas diferentes, são as modalidades pelas quais uma criança se torna adulto – mas a necessidade

de tornar-se adulto funcional naquela sociedade é inescapável.
(Mezan, 2001: 161).

ANÁLISE DA ENTREVISTA

“ Meus sentimentos são como minha impressão digital, como a cor dos meus olhos e o tom de minha voz: únicos e irrepetíveis. Para você me conhecer, é preciso que conheça meus sentimentos.

Minhas emoções são a chave para a minha pessoa. Quando lhe dou essa chave, você pode entrar e compartilhar comigo o que tenho de mais precioso para lhe oferecer: *eu mesmo*.”

(Powell in Feldman e Miranda, 2001: 160)

A análise foi realizada pelos temas que seguiram o roteiro de entrevista, sendo assim, inicio descrevendo aspectos da vida do Sr. Pedro que considero importantes, para posteriormente, dar seqüência com a análise e interpretação do depoimento que está dividido por assuntos:

Descrevendo o Sr. Pedro

O Sr. Pedro nasceu no dia 29 de Dezembro de 1923, na cidade de São Paulo. Atualmente está com 80 anos. Pai de 2 filhas e avô de um neto de 22 anos e de duas netas de 15 e 17 anos, respectivamente.

Formou-se em Contabilidade em 1945. Conta que, nessa época, morava na Mooca, estudava no Brás e trabalhava na Lapa; tinha uma vida “corrida”.

Porém, não deixava de se divertir, pois encontrava tempo para tudo: estudar, trabalhar e também namorar. Sempre se considerou um exímio dançarino, freqüentava os bailes de vespéral que ocorriam aos sábados e domingos no Pacaembu, em São Paulo. Relembra que, quando jovem, praticava barco a remo no Clube de Regatas Tiête. Aliás, declarou ser um apaixonado pelo esporte, sendo a natação o predileto. Atualmente, nada quatro vezes por semana, uma hora por dia.

Está viúvo há 9 anos, época em que foi residir com a filha caçula, por estar muito doente e não acreditar que conseguiria escapar da morte. Recuperou-se e não saiu mais da casa da filha.

O Sr. Pedro recebe salário referente a duas aposentadorias, uma pelos anos trabalhados como contador em uma empresa privada e a outra pelo Estado, pelos serviços que desempenhou durante dezessete anos em um cartório de Osasco, em São Paulo.

Relata ainda que recebe uma compensação financeira das filhas o que lhe permitiria viver muito bem, caso quisesse morar sozinho, ou ainda poderia arrumar uma amiga, ou companheira, o que segundo ele, não é nada difícil.

Antes de iniciarmos a entrevista gravada, o Sr. Pedro quis conversar, para posteriormente ligarmos o gravador. Nesse primeiro momento fez várias perguntas à entrevistadora, queria saber da profissão, onde morava, se era casada e quantos filhos tinha.

Por alguns instantes, os papéis se inverteram, pois ele parecia ser o pesquisador e não objeto de estudo. Isso demonstra sua facilidade em comunicar-se, gosta de uma boa prosa. Conversamos cerca de uma hora. Quando pedi, novamente, permissão para ligar o gravador, já havia contado parte de sua vida.

Envelhecimento

Há dois aspectos que o Sr. Pedro verbaliza como sendo fundamentais: o primeiro diz respeito à vontade de Deus que é soberana, diante da qual o homem se depara com os limites. O segundo momento, mas não menos significativo, se refere à própria pessoa e ao que ela faz por si. De forma que o primeiro aspecto apresenta os limites da vida e o segundo compete ao ser humano, ressaltando que a comunicação e o bom trato com as pessoas oferecem garantias de uma “boa velhice”.

O envelhecimento faz parte da vida da gente. A maneira de vida que você tem vai repercutir na sua velhice. Eu penso assim: se você tem a felicidade de saber se comunicar, saber dialogar, as portas se abrem, você cativa amigos, você se torna simpático. Tem as suas deficiências, ninguém é perfeito. Deus faz as coisas tão bem, que ninguém é perfeito. Faz um sábio, faz um pobretão, é a vontade de Deus. Mas se

you know dedicating love to people, you end up finding the doors... the doors open.

Família

O Sr. Pedro fala da família como a instituição mais importante, apresentando-a de maneira idealizada, indicando-a como tendo características que não são permanentes, sinalizando a possibilidade de confrontos, porém, imediatamente negados, enfatizando a amorosidade encontrada nos componentes da família expandida. No entanto, ao empregar o termo *pactuado* talvez expresse a delicadeza da dinâmica familiar.

It is the most important institution that can exist. When there is respect, love, care, patience, tolerance and good will allied to health, you only have joy and a lot of happiness. And that is what I have pactuated for this. So, all the people in my family adore me.

Moradia

Passou por situação extrema de doença, tanto que distribuiu os bens em vida. Atualmente revê esta situação, se perguntando se poderia ter feito outras escolhas.

Mas parece que toda essa conjuntura acabou cristalizando uma opção que interfere no ato de flertar. Demonstra receio em se dar o direito de ir atrás dos convites e quebrar algum pacto velado.

Acha que ainda pode ter relacionamentos amorosos, mas algo o impede de correr riscos. Talvez porque o sofrimento anterior tenha deixado fortes marcas.

(...) vim morar com minha filha porque estava muito doente e minha esposa faleceu, eu estava totalmente desiludido, praticamente à beira do abismo.. .quando fiquei viúvo me desfiz de tudo, fiz uma doação para o nome das minhas filhas... Uso fruto meu. Elas me dão uma compensação financeira... e com minhas duas aposentadorias eu teria condição hoje de morar num apartamento e encontrar uma amiga, uma companheira, coisa que não é nada difícil, porque lá na ACM, as coroas me falam: “O senhor está perdendo tempo!” A Maria ali quer conversar com o senhor”.

Adiante, retoma o momento em que ficou viúvo e muito doente.

... Eu podia ir lá bater um papo, mas sempre guardei grandes lembranças da minha esposa. E nos primeiros anos que eu estava abatido, eu não tinha espírito pra pensar nessa segunda opção. E acabei me acostumando. Resultado: hoje na ACM, o Sandro salvavidas me apresenta as coroas que estão interessadas, elas me convidam para ir a bailes, pra ir em jantar, fazer excursão... e eu tiro meu time de campo. Eu falo que vou, faço, mas sinto que devia ter feito isso no primeiro, segundo ano. Agora eu cheguei num ponto em que concluí que eu devo continuar mantendo essa vida em família.

Há uma história de acolhimento aos mais velhos que parece se perpetuar nesse núcleo familiar; relata a independência com cumplicidade, propiciada por ambas as partes: quem acolhe e quem é acolhido.

(...) fiz questão que meu pai e minha mãe viessem morar comigo, porque quando eu casei, fui morar com eles... Estava iniciando e em retribuição, nós fizemos uma casa no fundo... Ela (mãe) não queria morar com a gente queria morar independente... tinha terreno a vontade, construí... Meu pai e minha mãe viviam independentes. Só passeávamos, comíamos juntos, fizemos tantas viagens, tantos passeios sempre juntos com eles.

Netos

O conflito entre as gerações é meigamente referido e focado nos ancestrais.

Quando nasceu minha primeira filha, eu não podia chamar uma palavra de atenção, que minha mãe interferia no assunto. E eu concluí e hoje é verdade: os avós têm mais paciência, mais ligação e mais amor pelos netos do que os próprios pais, porque os pais querem dar uma de autoridade, têm que fazer isso, tem que ser assim, isso não pode fazer e os avós são sempre mais bondosos.

(...) meu primeiro neto é psicólogo...você sabe ele vinha lá na minha casa, eu ia passear com ele e eu admirava: “esse menino é muito inteligente”. E ele confirmou isso, porque nunca repetiu um ano, entrou na Universidade de cara, não fez curso, entrou, se formou com 22 anos psicólogo, já tem o consultório dele e está fazendo pós-graduação. Esse foi o primeiro neto, tem a C. e a G.

Do seu vínculo com as netas aparece o que há de mais positivo na relação. Reproduz o que aprendeu com a sua mãe, depositando as expectativas da geração mais nova perpetuar valores que considera terem sido importantes na sua formação.

Convivo com minhas netas... Eu sou um cara muito organizado. Aprendi muita disciplina com meu pai e minha mãe... quando minhas netas me pedem uma tesoura eu digo “ o que eu tenho é nosso, não é meu, mas peço uma coisa que vocês coloquem o que pegarem no lugar ... Na nossa bandeira está escrito “Ordem e Progresso” sabe por quê?... porque quem tem ordem progride... se elas me pedem eu empresto, mas quero que coloquem onde pegaram, porque se eu tiver algum problema eu sei onde encontrar o que elas pegaram. Se eu falo uma vez, duas vezes e não colocam no lugar digo que não irei emprestar novamente, então elas respeitam.

Nosso depoente demonstra ser uma pessoa metódica estendendo esse sistema àqueles que o rodeiam. Permite que as netas usufruam seus pertences, desde que sigam as leis de uso que sustenta.

Co-residência

A sensação de privacidade é dada pelo uso exclusivo da suíte e do escritório. Expressa ser dono de seu espaço, pois basta fechar a porta do quarto, que ninguém o incomoda.

Aqui eu tenho o meu espaço... tenho o meu quarto com banheiro e escritório... e tenho a chave. Quando eu fecho a porta, ninguém me incomoda, posso fazer o que quiser no meu quarto. Eu mesmo gosto de arrumar minha cama e secar o banheiro quando tomo banho

Visão de vida

O Sr Pedro se mostra uma pessoa sedutora, sua maneira de encarar a vida faz com que as pessoas que se aproximam dele se sintam atraídas pelo seu jeito de ser.

A facilidade em comunicar-se faz com que ganhe espaço, e pelo fato de saber o que deseja, consegue alcançar seus objetivos.

Isto se reverte no trabalho que desenvolve na instituição em que presta serviço como voluntário, pois, por causa de sua postura e maneira de ser, foi convidado a assumir a função de tesoureiro.

Mantém todo seu tempo ocupado com atividades que considera de suma importância, de maneira criativa, em prol de pessoas carentes; assim, considera que dá sua contribuição à sociedade.

Segundo seu relato, tem facilidade em agregar pessoas, faz boas amizades, além de se sentir beneficiado e acolhido, percebe que há reciprocidade nas relações que estabelece.

O olhar e a postura adotados pelo nosso entrevistado se revelam otimistas, a maneira escolhida para viver essa etapa de sua vida.

Diário de campo

Após a entrevista anotei alguns fatos que percebi nas entrelinhas, num diário de campo. Dessas observações, pude analisar que o entrevistado se sente acolhido, respeitado e cuidado, inclusive pelo genro que é médico, o que representa um enorme respaldo para essa boa velhice, que necessariamente implica em cuidados para com sua saúde. A saúde é para ele o bem maior que se possa ter, agregada à família e ao dinheiro.

... sabe aqui eu sou sempre bem tratado quando meu genro faz um churrasco com os amigos sabe para quem é a primeira porção, é pra mim. Eu sou a primeira pessoa a ser servida, porque eu não posso comer nada com pimenta, e ele sabe disso... então isso é maravilhoso.

Se sente acolhido tanto pelo neto quanto pelo professor da ACM para que se atreva a novos flertes. Embora tenha optado em não manter um relacionamento mais íntimo, a cumplicidade com o neto e o professor de natação lhe permite maior sensação de pertinência: deseja e é desejado. As confidências trocadas entre estes homens jovens também colaboram para a inclusão.

O meu neto, mais velho conta seus segredos pra mim e eu conto os meus segredos pra ele, somos cúmplices.

O professor de natação, o Sandro, me faz confidências ele tem mais ou menos 45 anos, eu também confidencio com ele. Ele está sempre me apresentando uma coroa nova, mas eu não quero saber de ninguém.

Demonstra certa ambigüidade: ao mesmo tempo em que declara não querer mais uma companheira, expressa ter desejo de estar com alguém. Porém, justifica a distância geográfica como uma impossibilidade. Aliados a este fato estão também o amor e o afeto que a família lhe dedica, impedindo de considerar como uma possibilidade viável.

Mas o que poderia se transformar em crise, o bom humor transforma em opção de vida: agora é *solteirão*.

(...) há pouco tempo estive em Santos na colônia de férias que eu costumava passar com minha família. Recentemente, conheci uma senhora lá, ela estava com a filha, e passou um rapaz vendendo Dessas saídas de praia... a moça começou a pôr na frente do corpo, mostrava para a mãe qual ela achava que ficava melhor... eu olhei, estava sentado na cadeira ao lado delas... eu disse “essa ficou boa” e a moça comprou a que eu apreciei. Ai a senhora me disse... “Ela tem bom gosto porque puxou a mãe, ela se parece comigo”. Aí eu e ela começamos a conversar, fomos dar uma volta na praia... então ela me falou “que pena que eu estou indo embora amanhã, senão eu e você poderíamos ter um contato mais íntimo. É pena que ela mora em Sorocaba, fica longe pra eu me relacionar com ela.

Meu neto costuma dizer que eu sou perigoso, e aqui na minha família eles brincam com essas histórias que eles acabam sabendo ... meu neto andou contando alguma coisa pra eles (família).

Eu talvez devesse ter me casado no primeiro ou segundo ano em que fiquei viúvo... agora não, porque minha família me trata muito bem... como vou virar as costas pra tudo o que fizeram? Não posso. Agora eu vivo como solteiro, não como viúvo.

Viver intensamente para este entrevistado está intrinsecamente ligado às possibilidades de saúde.

(...) quando eu tinha 44 anos achei que se chegasse aos 54 anos estaria bom, cheguei aos 54 anos ai pensei se chegar aos 64 anos ficarei feliz ...cheguei aos 80 anos. Não me importa se vou viver mais 10 anos, 10 meses ou 10 minutos. O que eu espero é viver intensamente. Tudo é lucro pra mim. Para você ser feliz é preciso em primeiro lugar ter saúde aliada a qualquer outra coisa na vida.

Considera a amizade como sendo muito importante, chegando a ser vital. Por intermédio dela são possíveis novas conquistas, tanto profissionalmente quanto pessoalmente. Teve exemplos próximos que sinalizam que ainda pode continuar sonhando e isso lhe garante um cotidiano mais prazeroso

No cartório em que trabalhei durante 17 anos fiz uma bela amizade com o dono do cartório... tanto é, que às vezes eu alugava um apartamento para ele se divertir (Riso) ... ter seus encontros secretos. Esse meu amigo se casou aos 80 anos de

idade com uma mulher de 40 anos. Logo após o casamento, ela engravidou e os boatos que corriam no cartório eram de que o bebê que ela esperava não era dele. Quando a criança nasceu, não tinha quem dissesse que o filho não era dele. Tinha duas covinhas na bochecha e no queixo como as covinhas do meu amigo... eu acreditava que ele era feliz nessa relação. Eu era convidado para ir às festas de aniversário dele... faleceu aos 90 anos. E o velho “aqui” continua vivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este estudo, não tinha noção da complexidade do tema desta pesquisa. A princípio, pensava que o envelhecer junto ao familiar dava indícios de uma “boa velhice”, pois era permeada de cuidados, e o fato de estar compartilhando o mesmo espaço parecia garantir segurança ao idoso.

Porém, no decorrer desse trabalho foram aparecendo questões que iam desvelando essa primeira idéia. Os teóricos abordados mostram que habitar com familiares, muitas vezes, pode significar mais uma falta de opção do que verdadeiramente uma opção.

Ao longo dessa pesquisa, tive dificuldade de encontrar sujeitos idosos que estivessem na condição previamente delimitada, e os poucos idosos que reuniam condições de serem entrevistados, não aceitaram falar sobre o tema.

O sujeito que contribuiu com esse estudo, no decorrer do depoimento, solicitou, em vários momentos da entrevista, que o gravador fosse desligado, escolhendo aspectos de sua vida que acreditava serem os mais relevantes.

Esse dado em si, pode refletir o não dito nas relações familiares, demonstrando que a convivência entre o idoso e os familiares não é um “mar-de-rosa”, como eu pensara inicialmente. Portanto, é preciso tomar cuidado com o que pode, ou não, vir a público.

Há dois aspectos que agora considero essenciais: o primeiro está relacionado à escolha entre o morar sozinho, ou o estar acompanhado. Ambas me parecem soluções delicadas, pois exige do idoso assumir as conseqüências tanto no que se refere ao residir com familiares quanto a residir sozinho.

O fato de ele optar por morar sozinho não o isenta, nem aos familiares, de refletirem sobre necessidades e cuidados diários, pois mesmo nas situações consideradas simples, como transporte, fazer compras no supermercado, dirigir

automóvel, apresentam-se como situações muitas vezes difíceis que envolvem riscos diários.

A princípio fiquei muito empolgada com o tema desse estudo, pois a situação de co-residência idoso e familiar parecia inicialmente ser ideal. Entretanto, no decorrer desse percurso e ao analisar a entrevista me angustiei diante da impossibilidade do surgimento de comentários que pudessem trazer alguma crítica negativa.

Os idosos que se encontram nessa condição, não se mostraram dispostos a falar sobre esta convivência, e os comentários informais a esse respeito mostravam apenas o lado positivo do convívio familiar. Se nós sabemos que nas relações familiares há conflitos, por que eles não poderiam ser explicitados?

O ser que envelhece passa por constantes mudanças tanto físicas quanto psíquicas, que o levam a estar diante de novas situações.

No entanto, sair da zona de conforto e ter novos afazeres ou ter projetos de vida, pode ser uma estratégia que oferece ao idoso reinventar a vida, como citado nesse trabalho por Debert.

Desse modo, a vida ganha “potência de invenção”, que dá um novo sentido ao cotidiano, tornando-o prazeroso.

Estudos realizados asseguram que o co-residir está intimamente ligado a fatores determinantes, como dificuldade financeira ou de saúde, e alguns dos autores que teorizaram o envelhecimento o fizeram, abordando principalmente estes aspectos.

Nesse trabalho, o que me despertou interesse foi me deparar com a fragilidade não física, mas emocional que leva o idoso, também, à dependência familiar. Conseqüentemente, para muitos, o estado emocional o torna tão dependente quanto os aspectos ligados à saúde ou ao financeiro.

Freqüentemente, a família é tida como a principal guia mestra para o idoso, e as expectativas lançadas sobre essa instituição tanto por parte do Estado quanto de parentes, comunidade e agregados, é intensa e se revertem na forma de cobrança no cuidar desse sujeito que se tornou velho.

No entanto, não há como negar que a vida na atualidade exige cada vez mais das pessoas e os afazeres diários impõem um ritmo quase que alucinante para os membros da família. A família passa por um processo de mudança, que se reflete no comportamento e na atitude das pessoas; assim, não é apenas o idoso que muitas vezes se sente ocupando o mesmo espaço físico, mas também, os adultos, os jovens, os adolescentes e as crianças.

As exigências do cotidiano se traduzem em tarefas que sobrecarregam e desgastam as pessoas em seu dia-a-dia, e esse corre-corre dificulta as relações e a atenção necessária que se traduz nas conversas, no abraço e no aconchego, em ouvir e ser ouvido, deixa a desejar.

Este modo de vida já revela este “ não poder estar junto” como desejam os idosos que co-residem com familiares. Porém, mesmo com essa situação adversa, esse co-habitar o supre e essa convivência se torna um misto de realidade e fantasia. Entretanto, essa ilusão o faz sentir-se parte do todo que é o núcleo familiar.

Conseqüentemente, pensar em novo arranjo familiar, para esse idoso, se torna inviável, pois teria que encontrar outra maneira de conviver, de estar com os seus, sem que essa prioridade significasse deixar a família em segundo plano.

Reconstruir a vida, por meio de um novo olhar de prioridades pode ser essa vida com “potência de invenção”, mas para muitos idosos é fundamental o sentimento de gratidão, que se concretiza nessa etapa da vida, mediante essa escolha.

Outra questão que considero relevante destacar, foi constatar que mesmo tendo saúde, o sujeito velho necessita de cuidados específicos e mudanças de hábitos: não ter tapetes na casa, nem escadas e tampouco muitos móveis. Facilitar o cotidiano, prevenindo acidentes é assumir a existência de uma fragilidade física, mas essas limitações não precisam necessariamente serem transpostas para o campo emocional.

O sujeito que envelheceu sente que é dependente e a co-residência pode então adquirir significados negativos, difíceis de serem explicitados quando se idealiza a convivência doméstica.

Portanto, é na célula familiar que o sujeito vai continuar se descobrindo, se reconhecendo como parte desse todo, mas também como membro, com suas diferenças e particularidades.

O nosso depoente revela que o vínculo afetivo que o nutre é valoroso e não abre mão dele, embora reconheça reunir condições para escolher outras possibilidades de organizar a vida.

É a família que atravessa o bebê com o feixe de representações que acompanharão durante todo seu percurso, e, na velhice, essa teia de representação sustenta e assegura o sentimento da “boa velhice” nesta mesma relação familiar.

O resultado alcançado com esta pesquisa não se encerra nesta entrevista, ao contrário, abre caminho para buscar cada vez mais significados atribuídos à velhice, intrinsecamente ligados à nossa cultura, como retrata Geertz:

(...) o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, sendo a cultura uma dessas teias e sua análise; portanto, não é uma ciência experimental, em busca de leis, mas uma ciência interpretativa, a procura de significados. (Geertz, 1973: 15).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, S. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERLINCK, M. A envelhescencia. In: Boletim de Novidades Pulsional, ano IX, nº 91, 1996.
- BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- CALOBRIZI, M. D. D. As questões que envolvem a responsabilidade assumida pelos avós enquanto guardiões dos netos, no que se refere a formação de referenciais sociais e dos legados, passados de geração em geração. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). PUC-SP, 2001.
- CAMARANO, A. A. e EL GHAOURI, S.K. Famílias com idosos: Ninhos vazios? Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro, Abril, 2003.
- CARVALHO, E. T. "A busca do equilíbrio no relacionamento familiar". In: A família educando para a paz. São Paulo: Editora Marco Markovitch, 2002.
- CERVENY, C M O., e BERTHOUD, C. M. E. Família e ciclo vital. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- DEBERT, G. G. A reinvenção da velhice. São Paulo: Fapesp, 1999.
- DURHAN, E. R. Família e reprodução humana. In: Perspectivas antropológicas da mulher
- ENDO, P. Sujeito histórico, sujeito psíquico. Revista Kairós - Gerontologia. São Paulo: Educ, Caderno Temático, 2002.
- FERRIGNO, J. C. Co-educação entre gerações. Sesc São Paulo: Editora Vozes, 2003.
- FREUD, S. (1923) "O ego e o id". Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.
- _____ (1930) "O mal-estar na civilização". Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.
- GEERTZ, C. "A interpretação das culturas". Rio de Janeiro: Editora LTC – Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A. 1973.

- GIBRAN, K. apud FELDMAN, C. e MIRANDA, M. L. Construindo a relação de ajuda. Belo Horizonte: Editora Crescer, 2001.
- GOLDFARB, D. C. Corpo, tempo e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- GOLDIM, J. R. Bioética e envelhecimento In: Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2002.
- HAYFLICK, L. Como e porque envelhecemos. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996.
- KOLYNIK, H. M. R. “Uma proposta de metodologia em investigação psico-sociais: Tipicidade ou representatividade?” In: Anais da ABRAPSO. São Paulo, 1996.
- CALIL, V. L. L. Terapia familiar e de casal. São Paulo: Editora Summus, 1987.
- LENT, C. F. A mutação psíquica: do particular ao universal. In: Transformação. Rio de Janeiro: Editora Diferença, 1993.
- LOPES, R. G. C. As interpretações sociais da velhice, refletidas no uso de medicamentos. Tese de doutorado. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo: Educ, 2000.
- LOPES, R. G. C., e CALDERONI, S. Z. O idoso e a família no alvorecer do milênio. In: A família educando para a paz. São Paulo: Editora Marco Markovitch, 2002.
- MARTINS, J. Não somos cronos, somos kairós. Revista Kairós - Gerontologia. São Paulo: Educ, Ano1, nº 1, 1998.
- MERCADANTE, E. F. A construção da identidade e da subjetividade do idoso. Tese de Doutorado de Ciências Sociais. Programa em Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC-SP. São Paulo, 1997.
- MESSY, J. A pessoa idosa não existe. São Paulo: Aleph, 1999.
- MEZAN, R. Psicanálise e Pós-Graduação: Notas, Exemplos, Reflexões. In: Revista Psicanálise e Universidade. São Paulo: Via Lettera, nº 14, 2001.

- MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. 18. ed. Rio de Janeiro: 2001. 80p. (Coleção temas sociais)
- MORETTI, M. I. P. Cidadania: a conquista de um espaço na sociedade para os que envelhecem. Revista Kairós - Gerontologia. São Paulo: Educ, Ano1, nº 1, 1998.
- NEGRI, T. Exílio seguido de valor e afeto. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.
- OLIVEINSTEIN, C. O nascimento da velhice. São Paulo: Edusp, 2001.
- OLIVEIRA, P. S. Vidas compartilhadas. São Paulo: Hucitec Fapesp, 1999.
- PACHECO FILHO, R. A. O conhecimento da sociedade e da cultura: a contribuição da psicanálise. Psicologia e sociedade. São Paulo, v 9, ns 1-2, jan/dez.
- POWELL, J. apud FELDMAN, C. e MIRANDA, M. L. Construindo a relação de ajuda. Belo Horizonte: Editora Crescer, 2001.
- SAAD, P. M. “Características demográficas e socioeconômicas da população idosa no Estado de São Paulo” In: SOARES, A. F. et alli (orgs). A população Idosa no Brasil: Perspectivas e Prioridades das Políticas Governamentais e Comunitárias. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro. 1992.
- SANT’ANNA, D. B. Corpos de passagem. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Editora Cortez, 2000.
- VARELLA, A. M. Envelhecer com desenvolvimento pessoal. São Paulo: Escuta, 2003.
- WALSH, F. A família no estágio tardio da vida. In: Carter; McGoldrock & Colaboradores. As mudanças no ciclo de vida familiar – uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1989.

OBRAS CONSULTADAS

- BOBBIO, N. O Tempo da Memória. De Senectude e Outros escritos Autobiográficos. Rio de Janeiro. Campus, 1997.
- BOWLBY, J. Apego e Perda. São Paulo, Martins Fontes. V 1, 1990.
- BOWLBY, J. Uma Base Segura. Porto Alegre. Artes Médicas, 1989.
- CALLIGARIS, C. Um Narciso Mundo Novo. In: Boletim de Novidade Pulsional. Ano IX, nº 86,1996.
- DUARTE, Y. A. O. & DIOGO, M. J. E. Atendimento Domiciliar: Um Enfoque Gerontológico. São Paulo. Atheneu,2000.
- ERICSON, E. Identidade, Juventude e Crise. Rio de Janeiro. Editora Guanabara, 1987.
- GIARSA, J. A. Como enfrentar a velhice. São Paulo: Ícone Campinas/UNICAMP, 1986.
- MONTEIRO, P. P. Envelhecimento: Imagem e Transformação Corporal.(Tese de Mestrado Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), 2000.
- NERI, A. L. Maturidade e velhice: Trajetórias individuais socioculturais. Coleção Viva idade. Campinas: Papirus, 2000.
- NERI, A. L. e FREIRE, S. A. “ Apresentação: Qual é a idade da velhice?” In: E por falar em boa velhice. Campinas: Papirus, 2000.
- NERI, A. L. e DEBERT, G. G. (orgs.) Velhice e Sociedade. Campinas: Papirus, 1999.
- NERI, A. L. (org.). Psicologia do Envelhecimento. Campinas: Papirus,1996.
- PAPALIA, D. E. & OLDS.S. W. Desenvolvimento Humano. Porto Alegre. Artmed, 2000.
- POSTER, M. Teoria Crítica da família. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.
- VELHO, G. & FIGUEIRA, S. Família, Psicologia e Sociedade. Rio de Janeiro,1981.
- SALGADO, M. A. velhice, uma nova questão social. São Paulo. SESC, 1982.

ANEXOS

Roteiro de Entrevista

Dados Pessoais:

Nome:

Profissão:

Idade:

Estado Civil:

Quantos filhos tem?

O roteiro privilegiou os seguintes temas:

Fale o que o Sr pensa sobre:

1 - Envelhecimento

2 - Família

3 - Moradia

4 - O que o levou a morar com a família/ causas e conseqüências

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a)Sr(a),_____

solicito seu consentimento para participar da pesquisa cujo nome é: Pais que retornam a residir com filhos na velhice. Novas ou velhas parcerias? que está sendo realizada no Programa de Estudos de Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo(PUC-SP).

1- O(a) senhor(a) participará de uma entrevista individual que seguirá um roteiro previamente determinado, elaborado pela pesquisadora, onde serão elaborados os principais tópicos relativos ao assunto da pesquisa, que será anotada e gravada em fita cassete.

2- Em qualquer etapa do estudo, o (a) senhor(a) terá acesso ao profissional responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Sendo a responsável pela pesquisa Valéria Lima Antunes dos Santos, que pode ser encontrada pelo telefone (11) 3683-8711.

3- É garantida a liberdade de retirada de consentimento a qualquer momento deixando de participar do estudo, sem qualquer prejuízo.

4- As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outros idosos, não sendo divulgado a identificação de nenhum dos entrevistados.

5- Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Concordo voluntariamente em participar do estudo.

Data: ____/____/____

Assinatura do entrevistado

Valéria Lima Antunes dos Santos

Assinatura da pesquisadora